

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

***Do Bullying ao Cyberbullying: os papéis dos diferentes
intervenientes e a ansiedade social***

Sara Alexandra Pina Modesto Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professora Doutora Susana Carvalhosa, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Junho, 2011

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA – INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Do *Bullying* ao *Cyberbullying*: os papéis dos diferentes
intervenientes e a ansiedade social**

Sara Alexandra Pina Modesto Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professora Doutora Susana Carvalhosa, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Junho, 2011

Agradecimentos

Há um ano atrás, a dissertação de Mestrado era o chamado “bicho de sete cabeças”. Hoje, agradeço à Professora Doutora Susana Carvalhosa por me ter feito acreditar que era possível. Por toda a disponibilidade, dedicação e atenção com que guiou o meu trabalho. Por tudo o que me possibilitou aprender, aperfeiçoar e evoluir, com o seu conhecimento, em todas as sessões de orientação.

À Professora Ester Guerreiro, Professora Clara Santos e à Professora Isabel Leandro, pela disponibilidade e empenho no decorrer do processo de recolha de dados, nas respectivas escolas.

Aos meus Amigos. Aos verdadeiros. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Quando pensei desistir, foram vocês que me mostraram porque não o deveria fazer. Porque valia a pena. Porque “tu consegues, nós acreditamos em ti e estamos aqui, para o que der e vier”. E consegui, convosco ao meu lado.

À pessoa mais importante da minha vida: à minha mãe. Ao amor mais puro, incondicional. A ti te agradeço por me teres possibilitado o meu percurso académico. Por me teres permitido que continuasse a estudar. “Porque os estudos são o mais importante de tudo”.

A ti. Não foi Direito, foi exactamente o contrário. As ironias da vida. Tanto gostava eu que estivesse aqui para ver. Espero que estejas orgulhoso de mim, pai.

Os meus mais sinceros e profundos agradecimentos a todos, por me terem acompanhado durante este longo percurso.

Muito obrigada!

‘As crianças podem ser cruéis, mas crianças com acesso à tecnologia
são cruéis a uma escala universal e alargada.’

Sullivan (2006)

Resumo

A presente investigação pretende caracterizar e descrever o *bullying*, inserido na cultura portuguesa, relacionando-o com o *cyberbullying*. Mais concretamente, pretende-se verificar como é que estes fenómenos ocorrem em ambos os sexos, nas diferentes idades e anos de escolaridade, nos vários papéis assumidos pelos intervenientes, relacionando-os, ainda, com a ansiedade social.

A amostra é constituída por 314 alunos, do 5º ao 12º ano de escolaridade, das escolas do concelho da Amadora. Os participantes têm idades compreendidas entre os 10 e os 20 anos, sendo que 48,7% são do sexo masculino.

Os resultados evidenciaram que 22,3% dos participantes são vítimas de *bullying*, 13,7% são agressores, 6,7% são *cyber*-vítimas e 3,8% são *cyberbullies*. Não se verificaram diferenças significativas no que respeita o sexo ou ano de escolaridade, tendo-se, porém, observado que é na faixa etária dos 10 aos 13 anos que se verifica maior prevalência de *bullying*. Constataram-se várias correlações ao nível dos papéis dos intervenientes, em ambos os fenómenos. Observou-se, ainda, que tanto as vítimas de *bullying* como as de *cyberbullying* apresentam maiores níveis de ansiedade social.

Os presentes dados revelam a importância de se continuarem a desenvolver estudos nestas áreas; apesar do *cyberbullying* ainda não ser tão expressivo em Portugal como noutros países, é uma oportunidade de explorar o fenómeno, com vista à prevenção.

Palavras chave: Bullying, Cyberbullying, Vítimas, Agressores, Cyber-vítimas, Cyberbullies, Ansiedade Social.

Abstract

This research aims to characterize and describe bullying, inserted in Portuguese culture and further link it with cyberbullying. Specifically, we intend to ascertain how these phenomena occur in both sexes, different ages and years of schooling, in the various roles assumed, relating them also with social anxiety.

The study sample consists of 314 students from 5th to 12th grade, from schools in the municipality of Amadora. Participants are aged between 10 and 20 years old, with a male percentage of 48.7%.

The results showed that 22.3% of participants are victims of bullying, 13.7% are bullies, 6.7% are cyber-victims and 3.8% are cyberbullies. There were no significant differences regarding sex or years of schooling, with the observation however of the higher prevalence of bullying in the ages between 10 and 13. Correlations were found at several of the roles of those involved in both phenomena. It was also observed that victims of bullying and cyber-victims present higher levels of social anxiety.

This data reveal the importance of continuing to develop research in these areas; although the cyberbullying is not yet very present in Portugal or elsewhere in Europe or America, it is an opportunity to predict the phenomenon, in order to preventing it.

Keywords: Bullying, Cyberbullying, Victims, Aggressors, Cyber-victims, Cyberbullies, Social Anxiety.

Índice

Introdução	1
O <i>Bullying</i>	2-7
Definição	2
Os diferentes intervenientes	4
Prevalência do <i>bullying</i> no mundo	5
O <i>Cyberbullying</i>	7-11
Definição	7
Os diferentes intervenientes	9
Prevalência do <i>cyberbullying</i> no mundo	10
Os papéis dos diferentes intervenientes do <i>bullying</i> e do <i>cyberbullying</i>	11
O <i>bullying</i> , o <i>cyberbullying</i> e a ansiedade social	13
Objectivos e Hipóteses	15
Método	17-20
Participantes	17
Instrumento	17
Procedimento	20
Resultados	21
Discussão e Conclusão	26
Referência Bibliográficas	31
Anexos	40

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Frequência de vítimas, agressores, <i>cyber-vítimas</i> e <i>cyberbullies</i> de acordo com o sexo	22
Tabela 2 – Frequência de vítimas, agressores, <i>cyber-vítimas</i> e <i>cyberbullies</i> de acordo com a idade	22
Tabela 3 – Frequência do <i>bullying</i> e do <i>cyberbullying</i> no ensino básico e secundário	23
Tabela 4 – Relação dos diferentes papéis em ambos os fenómenos	24

Introdução

O presente estudo pretende caracterizar e descrever o *bullying* e o *cyberbullying*, inserindo-os em contexto português, relacionando-os ainda com a ansiedade social. Inicialmente, pretende-se definir o conceito de *bullying*; este conceito surge face à necessidade de caracterizar um tipo particular de violência ou agressão entre pares, que pode ocorrer nas escolas (Olweus, 1991, 1994). Definido como um comportamento intencional e agressivo, que envolve um desequilíbrio de força e de poder (Kowalski, Limber & Agatston, 2008), o fenómeno hoje aceite por *bullying* deixou de ser considerado como parte natural e integrante do crescimento, a partir do momento em que a sociedade reconheceu este comportamento, bem como os danos profundos e emocionais que o mesmo pode causar (Anderson & Sturm, 2007).

Na adolescência, os pares são encarados como uma fonte de inspiração, um modelo a seguir e a imitar. É no seio dos pares que, muitas vezes, as crianças se debatem por um estatuto social, sendo a possível rejeição entre estes considerada o episódio mais traumático das suas vidas (Lev-Wiesel, Nuttman-Shwartz & Sternberg, 2006). Face a esta rejeição, os jovens podem demonstrar sintomas depressivos, comportamentos anti-sociais ou mesmo ansiedade social (Bonetti, Campbell & Gilmore, 2010) e é aqui que a tecnologia se poderá apresentar como um refúgio para as vítimas de *bullying*.

Com o rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), aliada ao fácil acesso e importância destas na vida dos jovens, o *bullying* encontra no ciberespaço uma forma de se desenvolver, adoptando uma nova expressão, o *cyberbullying*. Através de ferramentas electrónicas tais como o *e-mail*, *sites*, salas de *chat* (conversação) ou redes sociais (*Facebook*, *Hi5*, *Blog*, *MySpace*, *Twitter*, etc.), bem como através do uso do telemóvel, tornou-se possível perpetuar o *bullying*, onde se encontrou uma forma anónima de ameaçar e chantagear o próximo. Mas, se por um lado os meios tecnológicos podem transformar-se num escape às situações de *bullying* (Seepersad, 2004), por outro podem, igualmente, constituir um meio para vitimizar, ameaçar ou ainda retaliar contra os pares (Berson & Berson, 2005). Tal como no mundo real, a exclusão do mundo cibernético (i.e. exclusão da lista de contactos, bloqueio nas redes sociais) pode ter graves impactos emocionais no indivíduo; as vítimas de *cyberbullying* reportaram sentir-se revoltadas, magoadas ou tristes, em comparação com as que não são alvo deste fenómeno (Beran & Li, 2005).

O ser humano tem uma necessidade básica de pertença a um grupo, sendo que a grande maioria do nosso comportamento social é guiado pela vontade de sermos aceites pelos outros, de modo a evitar que sejamos excluídos, afastando, o que é referido por alguns autores, como o fenómeno de morte social (Williams, Cheung & Choi, 2000). Assim, com o presente estudo, pretende-se, não só, estudar a existência destes fenómenos na cultura portuguesa, mas também perceber em que medida as vítimas de *bullying* e/ou *cyberbullying* experienciam maiores níveis de ansiedade social que, conseqüentemente, se traduzirão num evitamento das relações sociais.

O *Bullying*

Definição

Bullying é um termo de origem inglesa, que designa determinadas condutas de agressão/vitimização que ocorrem entre pares, onde uma das características mais salientes se verifica no abuso de poder, de alguém mais forte sobre um indivíduo mais fraco ou no abuso de um grupo sobre uma vítima indefesa (Olweus, 1993; Smith & Morita, 1999). Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento de, pelo menos dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima). Nesta perspectiva, quando ocorre um episódio de *bullying* ocorre, simultaneamente, uma situação de vitimização (Seixas, 2005). Smith e Morita (1999) consideraram, ainda, o *bullying* como uma subcategoria de comportamento agressivo, uma vez que a criança alvo pode estar em desvantagem numérica, só entre outras, ser mais nova, menos forte ou simplesmente, menos confiante. Por outro lado, determinadas características de um indivíduo podem torná-lo, igualmente, numa potencial vítima, tais como a etnia, orientação sexual, diferença de idade ou tamanho (Dawkins, 1995; Smith, 2002). Neste contexto, as crianças agressivas exploram esta oportunidade para infligir dano, de modo a obterem gratificação psicológica, estatuto no grupo de pares ou puros ganhos financeiros, através da extorsão de dinheiro ou objectos (Smith & Morita, 1999). O *bullying* é, actualmente, uma das formas mais recorrentes de violência na escola (Batsche, 1997), que se traduz em diversos contextos, sem restrição quanto ao nível económico, género ou faixa etária, observando-se quer em escolas públicas ou privadas.

Defina-se então o conceito de *bullying*. Este fenómeno é caracterizado pelo seu carácter intencional e repetido ao longo do tempo (Olweus, 1994). Carvalhosa, Lima e Matos (2001) caracterizam o *bullying* pela intencionalidade de comportamento, ou seja, o seu

objectivo é o de provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa. Definem ainda que este comportamento é conduzido repetidamente, ao longo do tempo e que não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, passando a ser crónico e regular. Nesta dinâmica de *bullying*, é encontrado um desequilíbrio de poder, onde os agressores normalmente vêm as suas vítimas como um alvo fácil. É importante salientar que este comportamento agressivo não resulta de qualquer tipo de provocação ou ameaça prévia (Carvalhosa et al., 2001).

Como já foi referido, o *bullying* é um acto agressivo, caracterizado por um desequilíbrio de poder e que pode ser de carácter directo ou indirecto (Olweus, 1993; Whitney & Smith, 1993). No que respeita o *bullying* directo, o mesmo pode ser descrito como físico ou verbal. O *bullying* físico pode ameaçar a integridade física, manifesta através de violência corporal. Este tipo de *bullying* inclui acções como bater ou ameaçar fazê-lo, dar pontapés, roubar dinheiro ou objectos, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a fazerem tarefas servis contra a sua vontade (Olweus, 1993). Quanto ao *bullying* verbal, este determina-se por ofensas, intimidações, humilhações ou agressões, podendo conter comentários de índole racista ou homofóbica. Os agressores insultam, chamam nomes ou atribuem alcunhas desagradáveis às vítimas, de modo a que estas se sintam marginalizadas. Beran e Li (2005) referem que o tipo de *bullying* indirecto se caracteriza pela exclusão sistemática do grupo de pares, ameaças frequentes com a perda de amizade ou exclusão efectiva do grupo, de modo a obter-se algo do outro ou a simples retaliação de uma suposta ofensa prévia. Pode também, de acordo com estes autores, ser representado através de boatos sobre atributos ou conduta alheia, com vista a destruir a reputação da vítima. O *bullying* indirecto pode ser tão prejudicial ao funcionamento do indivíduo, como o *bullying* directo (Coyne, Archer & Eslea, 2006).

Independentemente do tipo de *bullying* exercido, o efeito é devastador nas vítimas. Um indivíduo pode ser vitimizado por uma simples diferença física, tal como a diferença de tamanho (Dawkins, 1995; Smith, 2002), sentindo-se frequentemente responsável pelos episódios de agressão (Smokowski & Kopasz, 2005). Vários autores referem que as vítimas se poderão isolar, apresentam baixos níveis de auto-estima, medo, insegurança, comportamentos de violência e auto-destrutivos (Espelage & Swearer, 2003; Nansel et al., 2001; Olweus, 1993). São ainda caracterizadas como ansiosas, inseguras e cautelosas (Banks, 1997). Fox, Elliott, Kerlikowske, Newman e Christeson (2003) indicam que as crianças vitimizadas têm maior propensão a depressões (26% nas raparigas e 16% nos rapazes) bem como maior tendência para cometer suicídio (8% nas raparigas e 4% nos rapazes). Chegam a evitar ir à escola para que assim, possam evitar o *bullying* de que são alvo, acabando por

afectar o seu desempenho escolar (Smokowski & Kopasz, 2005). Slee (1994) refere ainda que o recorrente absentismo escolar das vítimas é um dos indicadores da ansiedade social que experienciam, fruto do *bullying* a que são sujeitos.

Os diferentes intervenientes

Como já foi referido anteriormente, o *bullying* pode ser conduzido por um indivíduo (o agressor) ou por um grupo, sendo que o alvo de *bullying* pode também ele ser um indivíduo (a vítima) ou um grupo (Matos & Carvalhosa, 2001). Os intervenientes de *bullying* são identificados por vítimas, vítimas/agressores e agressores (Dawkins, 1995). As vítimas são as que são alvo de *bullying*, ou seja, são indivíduos expostos a acções perpetuadas por outros, de forma repetida e durante um longo período de tempo. São normalmente caracterizadas por pessoas pouco sociáveis, que não dispõem de recursos para reagir à violência ou interrompê-la (Carney & Merrell, 2001; Pearce & Thompson, 1998).

As vítimas/agressores são aquelas que, simultaneamente, são alvo e praticam o *bullying*. Este tipo de intervenientes caracterizam-se como sendo alvo de *bullying*, mas aprendem, também, a retaliar activamente contra a agressão dos pares. São consideradas altamente agressivas, pois muitas vezes são elas próprias que iniciam a agressão, sendo definidas como agressoras numa situação e vítimas noutra (Bernstein & Watson, 1997). Marini, Dane, Bosacki e YLC-CURA (2006) identificaram ainda este tipo de indivíduos como sendo um grupo mais perigoso, pois apresentam riscos psicossociais mais elevados do que as vítimas e do que os agressores.

No que respeita aos agressores, definem-se por aqueles que praticam o acto. Possuem excelentes competências sociais e têm a habilidade de atraírem bastantes seguidores, que facilmente são manipulados por ele. Para além de serem pessoas populares, são dominadoras em relação à vítima e envolvem-se frequentemente em comportamentos anti-sociais (Chesson, 1999; Pearce & Thompson, 1998). Olweus (1993) refere ainda que os agressores de *bullying* tem atitudes positivas face à violência, dificuldade em respeitar as regras e, normalmente, têm uma aparência rude, que mostra pouca empatia ou compaixão pelas vítimas. São caracterizados ainda por se envolverem facilmente em conflitos, agredem deliberadamente para alcançar um objectivo e são reactivos na agressividade, ou seja, reagem defensivamente quando provocados (Camodeca & Goossens, 2005). Estas atitudes podem ser explicadas com base em alguns aspectos, tais como nas condições familiares adversas, maus tratos, excesso de permissividade dos pais ou ainda com base em factores individuais,

relacionados com a impulsividade, hiperactividade, défice de atenção ou baixo desempenho escolar (Dawkins, 1995; Eslea & Rees, 2001).

Dawkins (1995) caracterizou ainda as testemunhas do fenómeno de *bullying* como sendo aquelas que não estão directamente envolvidas mas convivem com este tipo de práticas. Assistem de forma passiva à violência cometida, calam-se por medo, não denunciam os agressores e acabam por contribuir para a continuidade deste fenómeno (Dawkins, 1995; Lopes Neto, 2005).

Prevalência de bullying no mundo

De modo a compreendermos a importância deste fenómeno, é necessário analisar-se a sua prevalência, a nível mundial. Num estudo que envolveu 140 mil estudantes Noruegueses, com idades compreendidas entre os 8 e os 16, Olweus (1991) concluiu que 9% era vítima de *bullying*, enquanto 7% confessou agredir outros “de vez em quando” ou “frequentemente”. Já na Austrália, uma investigação com 4229 estudantes das escolas primária e secundária indicou que pelo menos 1 em 7 alunos referiu ser vítima de *bullying* por parte dos seus pares (físico e psicológico), pelo menos “uma vez por semana” ou “frequentemente” (Slee, 1994).

Relativamente à diferença entre sexos, Kowalski et al. (2008) identificaram os rapazes como tendo maior probabilidade de exercerem *bullying* do que as raparigas; no que respeita esta diferença entre sexos, estudos sugerem que nos rapazes é mais provável que o tipo de *bullying* seja físico (Finkelhor, Ormrod, Turner & Hamby, 2005; Nansel, et al., 2001; Olweus, 1993; Rigby, 2002), ao contrário das raparigas, cujo tipo de *bullying* é exercido de forma indirecta, através de rumores ou mesmo comentários de natureza sexual (Nansel et al., 2001). De modo a perceber-se porque é que as raparigas, ao contrário dos rapazes, preferem a agressão indirecta, Owens, Shute e Slee (2000) conduziram um estudo na Austrália, com 54 raparigas. Concluíram que as raparigas preferem este tipo de *bullying* pois parece eliminar o estado de aborrecimento em que se encontram e esta escolha está também relacionada com processos de amizade, ou seja, procuram amizade, atenção e querem assegurar a sua pertença ao grupo de pares.

Noutro estudo conduzido por Currie, Hurrelmann, Settertobulte, Smith e Todd (2000), que envolveu 35 países e regiões, maioritariamente europeias, concluiu-se que aproximadamente 30% dos jovens, com idades compreendidas entre os 11 e 15 anos, estavam relacionados com o fenómeno de *bullying*, validando ainda as conclusões dos estudos apresentados anteriormente, no que respeita aos rapazes estarem mais envolvidos no *bullying*

do que as raparigas, independentemente da idade. É também entre as raparigas que se observa uma maior participação no tipo de *bullying* indirecto, nomeadamente, na manipulação social e na agressão verbal (Currie et al., 2000).

No que concerne a idade em que este tipo de fenómeno prevalece, Vitaro, Brendgen e Barker (2006) concluíram que é na primeira infância que ocorrem mais episódios de violência física, exercida pelos pares, face à falta de outras formas de expressão. Eventualmente, com o desenvolvimento das competências verbais e sociais, os jovens passam a recorrer a formas indirectas de agressão contra os seus pares (Vitaro et al., 2006). Neste contexto, Pellegrini e Long (2002) estudaram a ocorrência de *bullying*, aliada à vitimização, na transição dos estudantes da escola básica para a secundária. Constataram um aumento do *bullying* e dos comportamentos agressivos entre os jovens, durante este período de transição, observando-se posteriormente um decréscimo do *bullying*, no secundário. A mudança de escola para um ambiente desconhecido e menos controlado pode explicar o uso da agressividade, com vista à obtenção de um estatuto, no grupo de pares (Pellegrini & Long, 2002). Por outro lado, os autores verificaram, igualmente, uma menor vitimização da escola básica para a secundária, sugerindo que as crianças que eram inicialmente vítimas durante o ensino básico aprenderam a evitar, ignorar ou mesmo a retaliar contra os seus agressores.

Em Portugal, vários estudos foram desenvolvidos sobre *bullying*. Carvalhosa et al. (2001) verificaram que 42,5% dos alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, reportaram nunca se ter envolvido em comportamentos de *bullying*; contudo, 10,2% afirmaram ser agressores, 21,4% vítimas e 25,9% referiram assumir os dois papeis (vítimas/agressores). Já Carvalhosa e Matos (2004), em estudos efectuados com amostras nacionais representativas, concluíram que dos 58,7% que reportaram estar envolvidos com o fenómeno, 9,4% são agressores, 22,1%, vítimas e os restantes 27,2% são vítimas/agressores, resultados que demonstram taxas elevadas de envolvimento em comportamentos de *bullying*, nas escolas portuguesas. Correia e Dalbert (2009) pretenderam, ainda, relacionar a crença do mundo justo com situações de auto-relato de *bullying*. Envolveram, no seu estudo, 187 participantes portugueses, do 7º ao 9º ano de escolaridade, e concluíram que, quanto maior a crença dos jovens no mundo justo, menor era a probabilidade de se envolverem na prática de *bullying*.

De acordo com a presente literatura, podemos concluir que o *bullying* é um fenómeno presente em vários países e é consensual que a sua prevalência difere em ambos os sexos. Os rapazes envolvem-se, mais frequentemente, no tipo de *bullying* directo, agredindo fisicamente os seus pares, enquanto as raparigas preferem o tipo indirecto, espalhando

rumores ou mesmo excluindo outras crianças do seu ciclo de amizades. Podemos, igualmente, concluir que é nos primeiros ciclos do ensino básico que se registam mais casos de *bullying*, quer da perspectiva de vítima como de agressor, pelo que será esperado que, no presente estudo, se observe a mesma tendência.

Os presentes dados não só justificam a importância de se desenvolverem outras investigações nesta área, como sugerem que as existentes podem ser utilizadas para se projectarem estratégias de consciencialização deste fenómeno, entre os jovens.

O *Cyberbullying*

Definição

Fenómenos como o *cyberbullying* têm vindo a ser cada vez mais frequentes dentro e fora da Europa. Com a evolução tecnológica, nasceu uma cibercultura. Esta cibercultura resulta da relação entre a sociedade, cultura e as novas tecnologias, que no fundo se traduz na nossa sociedade, regida pela sua utilização, o que nos remete para a sensação de habitar numa aldeia global: o ciberespaço (Lemos & Cunha, 2003). Com o avanço das tecnologias e a adesão dos jovens à utilização das mesmas, a internet tornou-se num mundo paralelo onde os jovens decidem ‘morar’, o que faz com que, conseqüentemente, o *bullying* se desenvolva no dito ciberespaço, originando assim o *cyberbullying*; e, tal como Sullivan (2006) indicou, as crianças podem ser cruéis, mas crianças com acesso à tecnologia são cruéis a uma escala universal e alargada.

Associada ao desenvolvimento dos recursos tecnológicos, esta prática tem sido potencializada, muitas vezes sem que os jovens tenham consciência dos riscos inerentes, desencadeando assim processos invasivos nas vidas de muitas crianças, longe dos olhares da família ou adultos próximos. O *cyberbullying* é uma forma privilegiada de *bullying*, uma vez que é um meio mais seguro de o praticar, dado o seu carácter anónimo. Beneficiando deste anonimato, o agressor perpetua as suas acções, reduzindo a possibilidade de ser descoberto (Li, 2008). Torna-se igualmente mais fácil de exercer, dado que não envolve confronto cara a cara. Pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer hora, e as suas vítimas não dispõem de um esconderijo ou da segurança do lar, o que dificulta a sua sinalização e combate (Twyman, Saylor, Taylor & Comeaux, 2010).

O crescimento do *cyberbullying* está intimamente ligado à universalização das tecnologias móveis, que estão actualmente na base de grande parte do processo comunicativo (Mishna, Scarcello, Pepler & Wiener, 2005). Trata-se de um fenómeno invasivo, com um

grave impacto negativo no indivíduo (Patchin & Hinduja, 2006). Define-se pela provocação/intimidação, exercida através da utilização da internet ou pelo envio de mensagens (SMS), de carácter ameaçador ou persecutório (Li, 2005). Anderson & Sturm (2007) definem ainda o conceito de *cyberbullying* pelo uso de tecnologias de informação e comunicação para, repetida e deliberadamente, promover-se o comportamento hostil de um indivíduo ou de um grupo, com o intuito de prejudicar outro, que normalmente, não se consegue defender.

Tal como no *bullying*, o *cyberbullying* é definido por todas as acções intencionais e repetidas, conduzidas por terceiros, com vista a molestar, humilhar, denegrir, assediar um indivíduo, através do uso da tecnologia (Novo, 2009). Mas, ao contrário do *bullying* tradicional, a possibilidade de escape a este tipo de agressão nem sempre é possível (Patchin & Hinduja, 2006); as vítimas de *cyberbullying* sentem-se, muitas vezes, “encurraladas” ao saberem que podem receber uma mensagem do seu agressor, sempre que ligam o telemóvel ou ficam *online* (Willard, 2006). Enquanto parece não existir nenhum sítio onde se refugiem, o agressor beneficia de uma larga audiência e grande visibilidade, comparativamente com o *bullying* tradicional, o que torna o *cyberbullying* um fenómeno único e de grande gravidade.

Willard (2006) definiu subcategorias do *cyberbullying*, que têm por base a acção realizada (i.e., provocar, intimidar, violar a intimidade, roubar a identidade, denegrir a imagem da vítima ou excluí-la). A provocação/intimidação é definida por palavras, conduta ou acção, repetidas ou persistentes, dirigidas a um indivíduo, com o objectivo de causar distúrbio emocional. No contexto do *cyberbullying*, a provocação/intimidação traduz-se pelo envio de mensagens de conteúdo ofensivo, através de email ou telemóvel (Willard, 2006). De acordo com o autor, os agressores violam a intimidade da vítima, ao partilharem informação pessoal, de um modo embaraçoso e público. Esta violação de intimidade está, igualmente, associada ao roubo de identidade, através da apropriação da vida “virtual” da vítima, usando-a para expor informação negativa, cruel e inapropriada.

Porém, é importante perceber se existe uma intenção agressiva por detrás destas acções, pois poderá tratar-se de uma brincadeira, desvendada por um “estou a brincar”, negando-se assim qualquer intenção maliciosa, apenas a sensibilidade do alvo face à brincadeira. Esta possibilidade remete-nos para a grande dificuldade em definir o conceito de *cyberbullying*, visto ser um fenómeno que abrange um grande número de diferentes comportamentos.

Os diferentes intervenientes

Relativamente aos actores de *cyberbullying*, uma vez que as características deste fenómeno são semelhantes às do *bullying*, podemos referir que as características das vítimas (*cyber-vítimas*), das vítimas/agressores (*cyberbully-victims/cyber-vítimas*) ou dos agressores (*cyberbullies*), são idênticas. No que respeita as *cyber-vítimas* são definidas por crianças/jovens que estão em exposição contínua e repetida a ameaças e humilhações por parte dos agressores. São caracterizadas como sendo mais ansiosas, cuidadosas e inseguras, comparativamente a outros jovens (Aluede et al., 2008). Não são agressivas mas têm uma auto imagem agressiva e, conseqüentemente negativa, chegando mesmo a acreditar que existe algo de errado com elas, para sofrerem deste tipo de agressão (Roland, 2002). Relativamente às *cyberbully-vítimas*, definem-se por um grupo que tanto experiencia como pratica *cyberbullying*, constituindo o grupo mais perigoso, uma vez que se trata de crianças/jovens altamente agressivos, que tanto manifestam a sua agressividade reactivamente como proactivamente (Salmivalli & Nieminen, 2002). Os *cyberbullies* são aqueles que têm comportamentos agressivos, negativos e hostis, direccionados a um alvo, com vista a provocar, humilhar ou excluir a vítima. Têm personalidades dominantes, gosto por usar a força, possuem temperamentos fortes, são impulsivos e facilmente frustráveis (Olweus, 1993). Sentem menos empatia pelas vítimas, uma vez que não assistem ao impacto das suas acções (Froese-Germain, 2008).

Tanto os *cyberbullies* como os *cyberbullies-vítimas* reportam ser utilizadores frequentes da internet, usando-a em média entre 4 a mais dias por semana. Avaliam-se como experientes no que respeita aos seus conhecimentos *online*, consideram a internet uma importante ferramenta e salientam o fraco controlo parental a que são sujeitos, durante a sua utilização (Twyman et al., 2010). Uma vez que os utilizadores têm a possibilidade de comunicar de forma anónima na internet, existe uma menor consciencialização, o que os leva a reagir mais agressivamente do que seriam, eventualmente, numa interacção face a face (Ariack et al., 2008; Baele & Hall, 2007; Sparling, 2004).

No que respeita a diferença entre sexos, Kowalski et al. (2008) referem que é mais provável que as raparigas sejam vítimas e agressoras de *cyberbullying*, apesar de ser nos rapazes que se encontra a maior frequência desta prática. De acordo com *Cyberbullying Research Center - CRC* (2010), as raparigas têm maior probabilidade de experienciarem *cyberbullying* na sua vida (25,8% vs 16% nos rapazes), mas são também estas que o denuncia com maior frequência (21,1% comparativamente com 18,3% nos rapazes); esta probabilidade

remete para o facto das raparigas preferirem um tipo de *bullying* indirecto (Nansel et al., 2001), acabando facilmente por se envolverem no *cyberbullying*.

Prevalência do cyberbullying no mundo

Vários estudos foram conduzidos por todo o mundo, com vista a perceber-se este fenómeno. Smith, Mahdayi, Carvalho e Tippett (2006) conduziram um estudo em Inglaterra, em que 22% dos participantes entre os 11 e os 16 anos identificaram-se como tendo sido vítimas de *cyberbullying*, pelo menos uma vez nos últimos dois meses, até à data do preenchimento do questionário. Apontaram como métodos mais utilizados as chamadas telefónicas, as mensagens escritas e o email. Somente 1/3 das vítimas partilhou com alguém e a grande maioria desconhece a identidade do seu agressor. Agatston e Carpenter (2006), num estudo desenvolvido com estudantes do ensino secundário (N=257), demonstram que 18% dos alunos foi também vítima de *cyberbullying*, pelo menos uma vez nos últimos dois meses, mas que ao contrário do estudo anterior, foram as mensagens instantâneas e os *sites* os meios preferidos para o exercer. Kowalski e Limber (2007) validam que é através de mensagens instantâneas que o *cyberbullying* é perpetuado (67%), seguindo-se as salas de *chat* (25%) e 24% afirma ser agressor via email.

Juvonen e Gross (2008) desenvolveram um estudo que envolveu 50 estados dos EUA, num total de 1454 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, onde se concluiu que 72% dos participantes já se envolveu em *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida, cometido através de ofensas (66%) e de roubo de *password* (33%). Mais recentemente, o CRC (2010), envolveu 4441 jovens num estudo, com jovens entre os 10 e os 18 anos, em 37 escolas. Concluiu-se que o telemóvel é uma forma privilegiada da prática de *cyberbullying*, tendo sido utilizado por 83% dos jovens, pelo menos uma vez na última semana, antes do estudo ter sido efectuado. Concluíram ainda que, ao nível das redes sociais, o *Facebook* é preferido sobre o *Myspace* e o *Twitter* é o menos popular deste grupo.

De alguns dos estudos transversais que foram desenvolvidos, destaca-se o de Patchin e Hinduja (2006) que envolveu no seu estudo participantes dos EUA (59,1%), do Canadá (12%) e do Reino Unido (9,1%). Concluíram que 11% dos participantes, com idade inferior a 18, identifica-se como agressor de *cyberbullying*, 29% como *cyber*-vítima e 47% como testemunha. Os meios mais populares nomeados foram as salas de *chat* (21,9%), as mensagens instantâneas (13,5%) e o email (12,8%). Li (2008) envolveu o Canadá e a China numa investigação, com vista a comparar a incidência e natureza deste fenómeno, nestas duas

culturas. No Canadá, participaram 157 alunos de duas escolas básicas da zona oeste do país, com idades compreendidas entre os 12 e os 15, em comparação com a China, que envolveu 202 alunos, entre os 11 e os 14 anos, também eles de duas escolas, mas da zona sudeste do país. Os dados demonstraram que 25% dos alunos canadianos em contraste com os 33% chineses, eram vítimas de *cyberbullying*, enquanto 15% e 7% eram *cyberbullies*.

Em Portugal, Almeida, Correia, Gomes, Garcia e Marinho (2008) reuniram participantes de duas cidades do norte e sul do país, com o intuito de identificar em que medida o recurso a práticas de *bullying* através das novas tecnologias estão relacionadas com padrões de empatia e descomprometimento moral em agressores, vítimas e testemunhas. Este estudo demonstrou que através do telemóvel, 6% das raparigas e 3% dos rapazes foram vítimas de *bullying*, em contraste com 3% e 5% que foram agressores. Através da internet, 6% e 4% envolveram-se em *cyberbullying* como vítimas e 2% e 4%, como agressores (raparigas e rapazes, respectivamente).

Estes estudos apresentam dados preocupantes, que acompanham o constante crescimento das tecnologias, sendo na América do Norte que se verifica maior incidência de casos de *cyberbullying*. Enquanto no *bullying* tradicional, existe uma discrepância de poder entre o agressor e a vítima, os agressores de *cyberbullying* ganham um novo sentido de poder, exercido atrás de um teclado e que não é percebido nas interações face a face (Beran & Li, 2005). De acordo com Ybarra e Mitchell (2004), os actores de *bullying* vão reconhecer vantagens na tecnologia; os agressores poderão utilizá-la para perpetuar este fenómeno para o dito ciberespaço, enquanto as vítimas poderão ver na internet um meio de retaliação da violência que são alvo na escola.

Deste modo, face ao desenvolvimento e evolução das novas tecnologias, espera-se, igualmente, que o *cyberbullying* seja cada vez mais frequente, causando cada vez mais danos nos seus intervenientes, salientando-se assim a grande importância em se estudar este fenómeno.

Os papéis dos diferentes intervenientes do *bullying* e do *cyberbullying*

A opinião dos autores relativamente aos papéis desempenhados em ambos os fenómenos não é consensual e identificam ainda diferenças entre os intervenientes do *bullying* e os do *cyberbullying*. De acordo com Mitchell, Ybarra e Finkelhor (2007) bem como Juvonen e Gross (2008), os papéis assumidos no *bullying*, mantêm-se no *cyberbullying*, ou seja, as vítimas, vítimas/agressores e agressores serão os mesmos, nos dois contextos. Já

Raskaukas e Stoltz (2007) defendem que a criança/jovem vitimizada na escola poderá assumir o papel de agressora, numa situação de *cyberbullying*.

Uma vez que o *cyberbullying* é uma forma escondida de *bullying* psicológico (Smith et al., 2008), podemos assumir que é orientado por um conjunto de motivações semelhantes ao tradicional, motivações essas que podem incluir preocupações relacionais e de necessidade de pertença (Pronk & Zimmer-Gembeck, 2009), o domínio (Pellegrini & Bartini, 2001), o poder e estatuto social (Ireland, 2002), a atenção social (Kingston, 2008) ou a defesa da auto-estima (Salmivalli, Kaukiainen, Kaistaniemi & Lagerspetz, 1999). Outros factores podem incluir a busca de recursos e ganhos materiais, ventilação da raiva, ciúmes, aborrecimento ou mesmo puro entretenimento (Sanders, 2009). Aftab (2006) defende que os agressores podem considerar o *cyberbullying* como uma forma de realizar fantasias agressivas num mundo *online*, isto porque um rapaz bem comportado, no mundo real, pode transformar-se no mundo virtual e assumir um papel completamente oposto ao que desempenha no seu dia a dia, uma vez que a internet lhe confere esse poder.

O *cyberbullying* pode, ainda, ser praticado numa extensão da violência ocorrida no recreio ou pode ser exercido como forma de retaliação dessa violência, sofrida em contexto escolar (Goberecht, 2008; Hinduja & Patchin, 2009; Sanders, 2009). Hinduja e Patchin (2009) desenvolveram estudos onde referem mesmo que a explicação mais frequente para o *cyberbullying* era o “vingar-se” (22,5%), seguida de 2,8% que afirmaram “terem-se metido com eles na escola”, ambos relacionados com a questão de obter-se justiça e vingança, agressão que está relacionada com a reacção percebida de justiça (Bies & Tripp, 2005).

Por outro lado, Ybarra e Mitchell (2004) descobriram que a maioria dos *cyberbullies* eram também *cyber*-vítimas e que quase metade dos *cyberbullies* se identificaram como tendo sido vítimas de *bullying* tradicional. Contudo, o *cyberbullying* pode ser direccionado aleatoriamente tanto contra pessoas conhecidas como desconhecidas, o que neste caso não remete para a questão de vingança, mas sim para um tipo de agressão deslocada. Estes autores discutiram ainda que, enquanto para alguns *cyberbullies* a internet era uma extensão do recreio, alguns usam-na de forma a compensar a sua fragilidade física (que os impede de se tornarem agressores tradicionais), de modo a dominar outros. Kowalski et al. (2008) definem ainda que a motivação para a prática de *cyberbullying* tem por base o exercício de poder, caracterizando-se por uma forma de canalização da energia negativa, com vista à satisfação ou prestígio.

As vítimas de *bullying* podem procurar retribuição através dos meios tecnológicos (Ybarra & Mitchell, 2004), tornando-se assim agressoras (Hinduja & Patchin, 2009), uma vez

que a internet possibilita a igualdade de características e diminui a intimidação, a nível físico (Kowalski & Limber, 2007). Kowalski et al. (2008) caracterizam este tipo de *cyberbullies* por indivíduos que podem ter sido alvo de *bullying*, mais fracos que os seus pares e que utilizam, agora, a tecnologia para parecerem mais fortes do que são na realidade. De acordo com Ybarra e Mitchell (2004), é também com base nesta diferença de poder assimétrico entre o *bullying* e o *cyberbullying* que se pode explicar porque os agressores nem sempre são *cyberbullies* e vice versa.

É cada vez maior o número de crianças alvo de *cyberbullying*, estimando-se a variação entre 19% a 42% de crianças agredidas *online*, pelo menos uma vez (Twyman et al., 2010). De acordo com estes autores, as crianças que são agressoras ou vítimas de *bullying* estão a ficar mais envolvidas na prática do *cyberbullying*, tornando-se vítimas/agressoras num contexto de *cyberbullying*. Beran e Li (2005) estimam que a prevalência da vitimização *online* esteja entre os 6% e os 35%, sendo que neste contexto existe maior probabilidade de retaliação e defesa (Twyman et al., 2010).

Deste modo pretende-se, com a presente investigação, perceber em que medida os papéis assumidos no *bullying* vão ser os mesmos no que respeita o *cyberbullying*; se, por um lado, a internet é, efectivamente, uma extensão do recreio ou se, por outro, se traduz numa forma de compensação da fragilidade física, que impede os jovens de se tornarem agressores tradicionais, retaliando, assim, através dos meios tecnológicos.

O *bullying*, o *cyberbullying* e a ansiedade social

A ansiedade social (ou fobia social) é um distúrbio caracterizado por um forte medo da humilhação e vergonha, mediante exposição ou observação face a outras pessoas (Kashdan & Herbert, 2001). Caracteriza-se pelo medo persistente, anterior a uma variedade de situações sociais, onde a pessoa pode ser avaliada negativamente por outra (American Psychological Association, 2000). A ansiedade social em crianças ou adolescentes resulta do medo que têm de falhar, face a situações formais ou informais. Contudo, a visão de jovens socialmente ansiosos pode ser distorcida, pois tendem a amplificar os traços do seu comportamento e desempenho, por poderem ser alvo de críticas ou desdém de outros (Rapee & Heimberg, 1997). Consequentemente, os encontros sociais são situações ameaçadoras para pessoas altamente ansiosas. Provocam sintomas físicos e psicológicos de medo, que são portanto evitados; mas, no dia a dia, a interação social é difícil de ser evitada (Wieser, Pauli & Grosseibl, 2010).

A maioria da pesquisa sobre a solidão nas crianças focou-se em problemas sociais, emocionais e comportamentais, que afectam as suas relações sociais e que, por sua vez, levam à solidão (Kupersmidt, Sigda, Sedikides & Voegler, 1999). Tais problemas sociais incluem a falta de relações de amizade duradouras e de qualidade (Parker & Asher, 1993), a rejeição entre os pares e a vitimização (Boivin, Hymel & Bukowski, 1995), revelando-se factores que predizem uma avaliação negativa de si próprios. Com o avançar dos anos, as crianças, agora adolescentes, apercebessem da sua fraca competência no que se refere a interacções sociais. Esta percepção pode despoletar problemas comportamentais, do foro emocional, mais precisamente, comportamentos ansiosos, uma percepção pessoal negativa ou mesmo depressão, que combinados produzem um sentimento de isolamento (Bonetti et. al, 2010).

De acordo com Besag (1989), existe uma forte ligação entre o *bullying* experienciado na escola e a ansiedade social, onde apenas um incidente de *bullying* é suficiente para despoletar elevados níveis diários de ansiedade. Constatou, ainda, que as crianças que são vitimizadas são caracterizadas por indivíduos ansiosos e que a ansiedade experienciada pelas vítimas aumenta grandemente fora do seu ambiente e, especificamente, com a preocupação da avaliação que é feita pelos pares (Slee, 1994). Slee (1994) refere ainda que os jovens que experienciam elevados níveis de vitimização reportam, igualmente, maiores níveis de fobia social. A exposição repetida ao abuso dos pares pode traduzir-se por um evitamento de interacções que provoquem ansiedade ou mesmo que estes suportem essas interacções com uma carga substancial de angústia, afectando o seu processo normal de socialização (Slee, 1994).

Assim, jovens que se sentem constrangidos pelo confronto face a face, podem demonstrar uma preferência por relações sociais à distância, sendo que o seu carácter anónimo pode motivar a partilha de informação de índole mais íntima, de forma mais frequente. Com o progressivo crescimento das tecnologias de informação e comunicação, os adolescentes acabaram por integrá-las no seu dia a dia, permitindo que as relações sociais se prolonguem para além da interacção face a face (Bryant, Sanders-Jackson & Smallwood, 2006). Alguns dos jovens acabaram por privilegiar este tipo de interacções *online*, em detrimento das presenciais, por se sentirem mais confortáveis e confiantes durante o encontro (Caplan, 2003). A ausência de estatuto e das questões visuais, bem como a falta de presença física pode ajudar a compensar a sua fraca apetência social, ultrapassando-se a vergonha e inibição, reforçando-se ainda a auto-estima (Peter, Valkenburg & Schouten, 2005). A questão do físico não é relevante na internet, o que possibilita uma oportunidade única de

experimentalizar a identidade com menor receio de rejeição ou desaprovação, aumentando-se paralelamente a assertividade e a responsabilidade (Peter & Valkenburg, 2006). Assim, através da internet podem conseguir manter relações mais facilmente, do que em interações face a face.

Mas, se por um lado os jovens vão encontrar na internet uma forma facilitada de comunicação, por outro, podem ver aumentada a ansiedade social (Ybarra, Mitchell, Wolak, & Finkelhor, 2006). Vários autores reportaram a existência de uma relação significativa entre o *cyberbullying* e a ansiedade social (Juvonen & Gross, 2008; Ybarra, 2004; Ybarra et al., 2006). De facto, Kowalski e Limber (2006) constataram que, quanto mais frequente é o *cyberbullying*, maior é a ansiedade social, isto porque o seu agressor tradicional poderá perpetuar a violência escolar, agora *online* (Raskaukas & Stoltz, 2007) ou, como jovem ansioso que é, pode simplesmente encontrar um *cyberbullie* disposto a aterrorizar alguém, fazendo dele alvo, amplificando o seu sentimento de exclusão (Kowalski et al., 2008).

Deste modo, pretende-se verificar os níveis de ansiedade social em ambos os fenómenos; mais concretamente, é esperado que, tanto as vítimas de *bullying* como as de *cyberbullying*, apresentem maiores níveis de ansiedade social.

Objectivos e Hipóteses

O presente estudo pretende caracterizar e descrever o *bullying* inserido na cultura portuguesa, relacionando-o com o *cyberbullying*.

Inicialmente, pretende-se perceber se existem, efectivamente, casos de *bullying* e/ou de *cyberbullying*. Caso existam, pretende-se avaliar a incidência em ambos os sexos, se é no sexo masculino ou no feminino que se regista maior prevalência destes fenómenos. De acordo com Finkelhor et al. (2001), Olweus (1993) e Rigby (2002), é nos rapazes que se encontra maior prevalência de *bullying* directo, enquanto as raparigas parecem preferir o tipo indirecto (Nansel et al., 2001). Uma vez que o *cyberbullying* é um tipo de *bullying* indirecto, é esperado que as raparigas se envolvam mais na dinâmica de *bullying online* e os rapazes, no *bullying* tradicional.

É ainda pretensão do presente estudo verificar a ocorrência de *bullying* e de *cyberbullying*, relativamente à idade do jovens, comparando-se ainda a escolaridade básica com a secundária. No que respeita a esta diferença aos níveis de escolaridade, Vitaro et al., (2006) verificaram uma maior ocorrência de violência física, na primeira infância, justificando-a com a falta de outras formas de expressão. Referem ainda que, eventualmente,

com o desenvolvimento das competências verbais e sociais, os jovens recorram a formas indirectas de agressão, contra os seus pares. Neste contexto, Pellegrini e Long (2002) suportam esta ideia ao constatarem que existe um aumento de *bullying* e comportamentos agressivos entre os jovens, no ensino básico e durante a fase de transição para o secundário, verificando-se, posteriormente, um decréscimo deste fenómeno. Assim, é esperado que os alunos do ensino básico experienciem mais episódios de *bullying*, quando comparados com os do ensino secundário. Por outro lado, dado que o *cyberbullying* é uma forma indirecta de agressão, é esperada maior prevalência deste fenómeno no secundário.

Pretende-se, ainda, perceber o tipo de envolvimento que os actores vão ter em ambos os fenómenos; se vão ser agressores (ou *cyberbullies*), vítimas/agressores (ou *cyberbully-vítimas*) ou vítimas. De acordo com Mitchell et al. (2007) e Juvonen e Gross (2008), os agressores de *bullying* vão ser *cyberbullies*, enquanto que Raskaukas e Stoltz (2007) defenderam que as vítimas de *bullying* vão encontrar no *cyberbullying* uma forma de retaliação. Suportando esta hipótese, Ybarra e Mitchell (2004) concluíram que cerca de metade dos *cyberbullies* se identificaram como tendo sido vítimas de *bullying* tradicional e ainda que a maioria dos *cyberbullies* eram também *cyber-vítimas*. Mais especificamente, pretende-se perceber se, por um lado, a internet é uma extensão do recreio ou se, por outro, é uma forma de compensar a fragilidade física, que impede os jovens de se tornarem agressores tradicionais (Ybarra & Mitchell, 2004).

Por ultimo, pretende-se avaliar de que modo a ansiedade social está associada ao *bullying* ou ao *cyberbullying*. De acordo com Slee (1994), as crianças vitimizadas reportam maiores níveis de ansiedade social, sendo ainda caracterizadas como indivíduos mais ansiosos (Besag, 1989). E se, por um lado, apenas um episódio de *bullying* é suficiente para despoletar elevados níveis diários de ansiedade (Nishina & Juvonen, 2005), por outro, o *cyberbullying*, aquando considerado uma extensão da violência escolar, pode aumentar esta mesma ansiedade (Willard, 2006). Assim, é esperado que, quer as vítimas de *bullying* como as de *cyberbullying*, apresentem maiores níveis de ansiedade social.

As questões exploradas no presente estudo visam clarificar melhor a realidade portuguesa, no que respeita ao *bullying* e ao *cyberbullying*, bem como perceber os papéis desempenhados em cada um dos fenómenos e as consequências que poderão causar, ao nível da ansiedade social. Ao definir-se melhor estes fenómenos, possibilita-se a criação de soluções, bem como possíveis intervenções, com vista à prevenção e combate destas problemáticas.

Método

Participantes

Nos critérios de inclusão da amostra, foi considerada uma turma por cada ano de escolaridade, seleccionada de acordo com indicação dos professores de cada uma das escolas. A amostra por *clusters* é, assim, constituída por 314 participantes, do 5º ao 12º ano de escolaridade, sendo que 134 pertencem à escola Secundária da Amadora, 128 à escola Básica e Secundária das Mães d'Água e os restantes 52 à escola Básica Almeida Garrett, situadas no concelho da Amadora, distrito de Lisboa.

Dos 314 participantes, 48,7% são do sexo masculino. No que respeita as idades, verificou-se que a média de idades é de, aproximadamente, 15 anos (M=14,68). Pode, ainda, observar-se que os participantes têm, no máximo, 20 anos, sendo a idade mínima de 10 e a mais frequente é de 15 anos.

Relativamente ao grau de escolaridade, 9,9% dos alunos frequenta o 5º ano, 15,9% frequenta o 6º ano, 6,7% é do 7º ano, 4,5% é do 8º ano, 6,7% do 9º, 25,2% do 10º ano, 16,2% do 11º e por fim, 15% do 12º ano.

Instrumento

De modo a analisar-se as hipóteses em causa, foi construído e aplicado um questionário de auto-relato¹, composto por 4 partes. A primeira parte corresponde a itens relacionados com o *bullying*, iniciando-se com questões da perspectiva da vítima, seguindo-se as questões da perspectiva do agressor. A segunda parte diz respeito a questões relacionadas com o *cyberbullying*, respeitando a mesma dinâmica das questões sobre o *bullying* (vítima/agressor). A terceira parte é composta por uma escala de ansiedade social, que se pretende relacionar, posteriormente, com ambos os fenómenos. Por último, foram colocadas questões para se obter informação demográfica dos participantes.

Bullying. Antes de se iniciarem as questões sobre o *bullying*, procedeu-se a uma breve descrição sobre este fenómeno, de modo a clarificar-se o conceito. Após esta breve explicação, foi apresentada a questão de Olweus (1993 adaptada por Carvalhosa, 2008), “quantas vezes foste vítima de *bullying* na escola, no últimos 2 meses?”, escolhendo-se uma das cinco opções de resposta (*não fui vítima de bullying na escola, nos últimos 2 meses; aconteceu apenas uma ou duas vezes; 2 a 3 vezes por mês; cerca de uma vez por semana;*

¹ Anexo 1, pág. 40

diversas vezes por semana). A mesma pergunta foi colocada na perspectiva do agressor, mais concretamente, “quantas vezes agrediste (*bully*) outro(s) aluno(s) na escola, nos últimos 2 meses?”.

De seguida, adaptou-se a escala de Ong e Elliot (2010), para se perceber, mais concretamente, se o aluno em questão era vítima ou agressor de *bullying*. Esta escala é composta por 10 itens sobre eventuais situações que poderiam ocorrer na escola, tais como: quantas vezes “recebeste ameaças, intimidaram-te ou fizeram-te gestos hostis”, “foste insultado ou repreendido?”, “espalharam boatos desagradáveis sobre ti?”. As opções de resposta variavam numa escala de 1 (*nunca*) a 5 (*diariamente/quase diariamente*). O mesmo grupo de questões foi colocado, na perspectiva do agressor: quantas vezes “ameaçaste, intimidaste ou fizeste gestos hostis?”, “insultaste ou repreendeste alguém?”, “espalhaste boatos desagradáveis sobre alguém”. No presente estudo esta escala, tanto da perspectiva da vítima como do agressor, apresenta elevada consistência interna ($\alpha = 0,82$ e $\alpha = 0,85$). Posteriormente, em ambas as escalas, a análise foi efectuada de acordo com Solberg e Olweus (2003), onde se considerou a opção 1 (*nunca*) e 2 (*apenas uma ou duas vezes*) como “não” e as restantes três opções, como “sim”. Deste modo, os participantes que responderam 1 ou 2 não estão envolvidos no *bullying*, enquanto que os que escolheram as restantes opções, estão a reportar o seu envolvimento no fenómeno.

Cyberbullying. As questões sobre *cyberbullying* foram precedidas por uma breve explicação do fenómeno. As mesmas questões sobre o *bullying* de Olweus (1993, adaptadas por Carvalhosa (2008), foram utilizadas no contexto do *cyberbullying*. Assim, as mesmas questões foram colocadas na perspectiva da vítima e do agressor, mas no que se refere ao *bullying online*. O segundo grupo de questões sobre esta temática foi retirado de um questionário *online* sobre *cyberbullying* (Tynes, Rose & Williams, 2010). Adaptaram-se essas questões ao mesmo formato de Ong e Elliot (2010), colocando-as igualmente na perspectiva da vítima e do agressor. Foram elaboradas 10 questões sobre a experiência que os alunos têm das suas relações virtuais, tais como: quantas vezes “fizeram comentários maus e rudes relacionados com a forma como escrevo *online*?”, “postaram coisas más e insultuosas sobre mim na internet?”, “foste ameaçado *online* devido à tua aparência física, forma como falas ou ages?”, entre outras. As opções de resposta variavam, igualmente, entre 1 (*nunca*) a 5 (*diariamente/quase diariamente*), escolhendo assim a que melhor os identificava. Na presente investigação, tanto as escalas para a vítima como para o agressor, apresentam uma boa fiabilidade ($\alpha = 0,88$ e $\alpha = 0,81$, respectivamente). Foi também feita, posteriormente, a mesma análise das escalas de *bullying* (Solberg & Olweus, 2003).

Ansiedade social. Foi traduzida a escala de ansiedade social para crianças, revista e validada por La Greca & Stone (1993). Esta escala é constituída por 18 itens, pertencentes a 3 subescalas, variando a opção de resposta numa escala de 1 (*nada característico*) a 5 (*extremamente característico*), que na presente investigação tem elevada consistência interna ($\alpha = 0,90$).

Relativamente às subescalas, a primeira está relacionada com o medo da avaliação negativa, ou seja, a preocupação que a criança tem face à avaliação que os pares fazem dela. Na escala, esta subescala traduz-se pelos itens 2, 4, 6, 7, 9, 11, 13 e 14.

A segunda diz respeito ao evitamento social, à forma como as crianças se inibem ou evitam os seus pares. Na escala, esta subescala traduz-se nos itens 1, 3, 5, 8, 10 e 16.

A terceira relaciona-se com a experiência de angústia ou desconforto em situações de socialização com os pares (angústia/ansiedade social), que se traduz na escala pelos itens 12, 15, 17 e 18.

Após elaboração do questionário, procedeu-se à realização do pré-teste, com o intuito de se verificar se o mesmo era perceptível e se a linguagem estava adequada à amostra. Entre os 10 pré-testes aplicados, dois dos participantes não perceberam o primeiro item desta escala, traduzido por “preocupo-me em fazer algo novo em frente a outros colegas”. Este item foi revisto, tendo sido posteriormente reformulado para “preocupo-me se tiver que fazer algo novo em frente a outros colegas”.

Esta escala, ao ser traduzida, teve também que ser adaptada à amostra. Uma vez que os itens se referiam a *kids* e a amostra é composta por alunos do 5º ao 12º ano, traduzir a palavra *kids* por crianças, tornava-se demasiado infantil para a maioria das faixas etárias, pelo que se optou por traduzir por colegas. Da mesma forma que o item 18, o original “it’s hard for me to ask other kids to play with me”, se tornava demasiado infantil a tradução fiel, pelo que se optou pela indicada anteriormente.

Dados demográficos. Por fim, foi pedido aos participantes que indicassem o sexo, a idade bem como o seu ano de escolaridade.

Procedimento

O presente estudo tinha o objectivo de ser desenvolvido em todas as escolas públicas do ensino básico e secundário, do concelho da Amadora. De entre as 15 escolas², apenas 3 concederam autorização para que se procedesse à aplicação dos questionários, nomeadamente a Escola Básica Almeida Garrett, a Escola Básica e Secundária das Mães d'Água e a Escola Secundária da Amadora.

Para a realização do presente estudo, começou por ser solicitada autorização junto do Ministério de Educação, mais concretamente, junto do Departamento de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME), através de requerimento *online*. Enquanto se aguardava a autorização, realizou-se o pré-teste com 10 crianças, cujo objectivo era o de verificar se as questões eram perceptíveis ao nível do conteúdo e da semântica, tendo-se alterado, posteriormente, o primeiro item da escala de ansiedade social, referido anteriormente.

Em conjunto com as escolas, apurou-se uma turma por ano lectivo, com vista à participação na presente investigação; a turma foi escolhida de acordo com a disponibilidade dos professores ou com alguma situação de *bullying/cyberbullying*, previamente sinalizada.

Após autorização concedida para se avançar com o estudo, foi entregue às escolas um documento³ para que os encarregados de educação autorizassem a participação do seu educando no preenchimento do questionário. As escolas Secundária da Amadora e Almeida Garrett sugeriram que os questionários fossem entregues ao director de turma, para posterior preenchimento, enquanto a escola Mães d'Água foi a única que preferiu que o mesmo fosse feito na presença do investigador; assim, a 24 de Março de 2011 foi efectuada a recolha dos dados, nesta escola. Nas 3 escolas, o preenchimento só foi possível mediante autorização do encarregado de educação. Posteriormente, os dados recolhido foram analisados no programa estatístico SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, versão 18.

² Escola Básica Cardoso Lopes, Escola Básica D. Francisco Manuel Melo, Escola Básica de Sophia Mello Breyner Anderson, Escola Básica e Secundária D. João V, Escola Básica e Secundária José Cardoso Pires, Escola Básica Miguel Torga, Escola Básica Prof. Pedro D'Orey da Cunha, Escola Básica Roque Gameiro, Escola Secundária Fernando Namora, Escola Secundária Seomara da Costa Primo, Escola Básica e Secundária Dr. Azevedo Neves, Escola Básica de Alfovelos

³ Anexo 2, pág. 47

Resultados

Identificação de casos de bullying e cyberbullying

Inicialmente, pretende verificar-se a prevalência destes fenómenos⁴, em contexto português, mais especificamente, nas escolas do concelho da Amadora. Começou-se por analisar a questão de Olweus (1993, adaptada por Carvalhosa, 2008), onde apenas 1,3% dos participantes reportou ter sido vítima de *bullying* na escola, nos últimos 2 meses. Mas, quando analisado o segundo grupo de questões (Ong & Elliott, 2010), verificou-se que já 22,3% afirma ter sido vítima, em alguma das situações específicas apresentadas. Já no que se refere aos agressores, 2,5% dos participantes referem ter agredido outros alunos na escola, nos últimos 2 meses, observando-se ainda que, em situações específicas, 13,7% afirma-se como agressor de *bullying*.

Relativamente ao fenómeno de *cyberbullying*, 1,3% dos participantes afirmam ter sido *cyber*-vítimas, nos últimos 2 meses. Novamente, quando questionados sobre situações concretas, 6,7% identificaram-se como vítimas, através de meios tecnológicos. No que respeita aos *cyberbullies*, apenas 1% diz ter agredido alguém *online* nos últimos 2 meses, mas 3,8% dos participantes assume-se como *cyberbully*, mediante as várias situações apresentadas no questionário.

De um modo geral, verificou-se que os participantes, quando questionados sobre situações específicas, relataram maior envolvimento tanto na prática de *bullying* como de *cyberbullying*, razão pela qual se irá proceder somente à análise da escala adaptada de Ong e Elliott (2010), no teste às hipóteses.

Teste às hipóteses

Relação do bullying e do cyberbullying com o sexo, a idade e a diferença entre o ensino e o secundário

Pretende-se, igualmente, perceber a existência de casos de *bullying* e *cyberbullying*, em ambos os sexos, bem como a sua ocorrência nos diferentes escalões etários⁵.

Relativamente ao sexo, como se pode observar na tabela 1, verifica-se que é no sexo masculino que existe maior ocorrência, tanto de casos de *bullying* como de *cyberbullying*.

⁴ Anexo 4, pág. 52

⁵ Anexo 5, pág. 61

	Vítimas		Agressores		Cyber-vítimas		Cyberbullies	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Masculino	37	52,9%	24	55,8%	13	61,9%	8	66,7%
Feminino	33	47,1%	19	44,2%	8	38,1%	4	33,3%
Total	70	100%	43	100%	21	100%	12	100%

Tabela 1 – Frequência de vítimas, agressores, *cyber-vítimas* e *cyberbullies* de acordo com o sexo

Ao nível dos papéis assumidos neste tipo de fenómenos, é também no sexo masculino que se regista um maior número de vítimas e agressores; apesar da diferença entre sexos não ser significativa ($p=0,43>0,05$ e $p=0,34>0,05$, vítimas e agressores, respectivamente), podemos constatar um maior envolvimento do sexo masculino no fenómeno de *bullying*. Relativamente ao *cyberbullying*, a hipótese não é suportada no que diz respeito a serem as raparigas que se envolvem mais neste tipo de prática, verificando-se o contrário, ou seja, maior prevalência no sexo masculino, apesar desta diferença não ser significativa ($p=0,20>0,05$ e $p=0,20>0,05$, *cyber-vítimas* e *cyberbullies*, respectivamente).

Relativamente ao envolvimento no *bullying* nas várias faixas etárias, é no papel de vítima que se regista maior frequência de idades (tabela 2); contudo, a única relação significativa verifica-se na faixa etária dos 10 aos 13 anos, onde 44,3% dos participantes afirmam ser vítimas, concluindo-se ainda que as vítimas de *bullying* e a presente faixa etária não são independentes ($p=<0,05$). Observa-se, ainda, que a maioria dos agressores tem entre 14 e 16 anos. Tanto nas vítimas como nos agressores, regista-se um decréscimo na prática de *bullying*, entre os 17 e os 20 anos de idade.

	Vítimas		Agressores		Cyber-vítimas		Cyberbullies	
	n	%	n	%	n	%	n	%
10-13	31	44,3%	15	34,9%	11	52,4%	3	25,0%
14-16	21	30,0%	17	39,5%	7	33,3%	7	58,3%
17-20	18	25,7%	11	25,6%	3	14,3%	2	16,7%
Total	70	100%	43	100%	21	100%	12	100%

Tabela 2 – Frequência de vítimas, agressores, *cyber-vítimas* e *cyberbullies* de acordo com a idade

Quanto ao *cyberbullying*, observa-se, igualmente, uma maior prevalência enquanto *cyber-vítimas*, entre os 10 e os 13 anos, apesar de não ser uma diferença significativa. É de realçar a menor frequência na prática, tanto de *bullying* como de *cyberbullying*, com o aumento das idades, sendo entre os 17 e os 20 anos que se regista menor envolvimento, em ambos os fenómenos.

No que respeita a diferença entre os fenómenos, do ensino básico para o secundário, não se verificaram diferenças significativas ($p=0,054>0,05$ e $p=0,90>0,05$, vítimas e agressores, respectivamente)⁶. Porém, tal como podemos observar na tabela 3, a maior prevalência de *bullying* regista-se no ensino básico; 52,9% reportou ser vítima de *bullying* e os restantes 44,2%, agressores. Ao nível das vítimas, observa-se um decréscimo de 5,8% do ensino básico para o secundário. Quanto aos agressores, regista-se maior frequência destes no ensino secundário (55,8%), comparativamente com o básico (44,2%).

Regista-se, ainda, um menor envolvimento na prática de *cyberbullying*, em comparação com o *bullying*, sendo maior a sua prevalência no ensino básico; existe, também, uma maior frequência de *cyber-vítimas* (mais expressiva no ensino básico), embora esta diferença não seja significativa ($p=0,08>0,05$ e $p=0,90>0,05$, *cyber-vítimas* e *cyberbullies*, respectivamente).

	Vítimas		Agressores		Cyber-vítimas		Cyberbullies	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Básico	37	52,9%	19	44,2%	13	61,9%	5	41,7%
Secundário	33	47,1%	24	55,8%	8	38,1%	7	58,3%
Total	70	100%	43	100%	21	100%	12	100%

Tabela 3 – Frequência do *bullying* e do *cyberbullying* no ensino básico e secundário

Assim, constata-se uma maior prevalência de *bullying* no ensino básico, observando-se o seu decréscimo no secundário. Contudo, uma vez que as diferenças não são significativas, não se suporta a hipótese desta diminuição na prática do fenómeno de *bullying*, do ensino básico para o secundário, nem se verifica um aumento da prática de *cyberbullying*, no ensino secundário.

⁶ Anexo 6, pág. 70

Comparação dos diferentes papéis do bullying e do cyberbullying

De modo a perceber-se os papéis desempenhados pelos intervenientes, tanto no *bullying* como no *cyberbullying*, bem como a relação entre eles, realizou-se um teste do Coeficiente de Correlação de Pearson (tabela 4).

	Vítimas	Agressores	Cyber-vítimas	Cyberbullies
Vítimas	1	.316**	.379**	.213**
Agressores	-	1	.273**	.327**
Cyber-vítimas	-	-	1	.355**
Cyberbullies	-	-	-	1

** $p < .01$

Tabela 4 – Relação dos diferentes papeis em ambos os fenómenos

Como se pode constatar, foram encontradas várias correlações significativas entre os papeis desempenhados em ambos os fenómenos. De acordo com as hipóteses colocadas, tanto os agressores são *cyberbullies*, como as vítimas são agressores, num contexto *online*. Observa-se, ainda, que a correlação mais forte se encontra no papel de vítima, ou seja, as vítimas de *bullying* são, também, *cyber-vítimas*, bem como que os envolvidos na prática de *cyberbullying* assumem os dois papeis, sendo tanto reactivos como proactivos, face à violência experienciada através dos meios tecnológicos.

Deste modo, não é possível retirar-se uma conclusão clara ou mesmo, suportar-se as hipóteses em causa, uma vez que o presente estudo não evidencia a existência de somente um papel, estando todos relacionados, independentemente do fenómeno em causa. Pode-se, ainda, concluir que, uma vez envolvidos na prática destes fenómenos, os actores podem assumir vários papéis, relacionados entre eles.

A ansiedade social como consequência das vítimas e das cyber-vítimas

A fim de se confirmar que tanto as vítimas como as *cyber-vítimas* experienciam maiores níveis de ansiedade social, realizou-se uma Regressão Linear Simples⁷.

Relativamente a ansiedade social, como consequência nas vítimas de *bullying*, verificou-se que 16,2% da variação da ansiedade social é explicada pelo *bullying*, sendo que existe uma relação significativa entre ambos ($R^2_{aj}=0,162$, $F(1,285)=56,408$, $p<0,001$). De seguida realizou-se a mesma análise para o *cyberbullying* e constatou-se que a variação da ansiedade social é explicada em 6,3% pelo *cyberbullying*, sendo esta relação, igualmente, significativa ($R^2_{aj}=0,063$, $F(1,285)=20,182$, $p<0,001$).

Deste modo, suporta-se a hipótese de que as vítimas de *bullying* e de *cyberbullying* experienciam maiores níveis de ansiedade social; apesar da relação ter sido significativa em ambos os casos, é importante referir que são as vítimas de *bullying* que vivenciam mais a ansiedade social, quando comparadas com as *cyber-vítimas*.

Em suma, apesar da diferença entre sexos, em ambos os fenómenos, não ter sido significativa, verifica-se a tendência de que é no sexo masculino que se regista um maior envolvimento, quer no *bullying* como no *cyberbullying*. Já no que respeita a idade, é tanto nas vítimas de *bullying* como nas *cyber-vítimas* que se observa uma maior frequência das mesmas; porém, a única relação significativa encontra-se nas vítimas de *bullying*, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos. Esta diferença permite-nos, ainda, estabelecer uma relação com a frequência desta prática no ensino básico, apesar da hipótese colocada quanto aos níveis de escolaridade não ter sido suportada.

Quanto aos papéis desempenhados pelos intervenientes, foram várias as correlações encontradas, sugerindo que, uma vez envolvidos no *bullying* e/ou no *cyberbullying*, os autores podem vir a assumir vários papéis, em cada um dos fenómenos, hipótese que será discutida posteriormente, na presente investigação. Por fim, suporta-se a hipótese de que, tanto as vítimas como as *cyber-vítimas* apresentam maiores níveis de ansiedade social.

Estes resultados demonstram que o *bullying* e o *cyberbullying* continuam a integrar a realidade portuguesa, validando ainda os dados obtidos em estudos previamente desenvolvidos e que relevam a necessidade deste tipo de fenómenos continuarem a ser alvo da nossa atenção.

⁷ Anexo 8, pág. 75

Discussão e Conclusão

O presente estudo tem o objectivo de caracterizar e relacionar o *bullying* e o *cyberbullying*, no contexto português. De acordo com os dados apresentados, comprova-se a existência destes fenómenos e reforça-se ainda a crescente importância de estudar os mesmos.

Observou-se que 22,3% dos participantes são vítimas de *bullying* em contraste com os 13,7%, que são agressores. Estes dados, quando comparados com os estudos anteriormente abordados na presente investigação, realçam a gravidade deste fenómeno e demonstram que a realidade portuguesa não difere da europeia. Na Noruega, Olweus (1991) identificou que 9% dos seus participantes eram vítimas e 7%, agressores. Em Copenhaga, Currie et al. (2000) concluíram que 30% dos jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos estavam relacionados com esta prática. Em Portugal, Carvalhosa et al. (2001) identificaram 21,4% dos participantes como vítimas e 10,2% como agressores. Face às datas em que estes estudos foram desenvolvidos e, sensivelmente 10 anos depois, o fenómeno de *bullying* continua a registar-se e com dados preocupantes.

No que respeita o fenómeno de *cyberbullying*, verificou-se que 6,7% dos participantes são vítimas enquanto 3,8%, agressores. Comparando-se os dados com os estudos anteriormente referidos, em Inglaterra, Smith et al. (2006) reportaram que 22% dos seus participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, eram *cyber-vítimas*. Também em Inglaterra, Agatston e Carpenter (2006) referem que 18% dos participantes são vítimas de *bullying online*. Em Portugal, Almeida et al. (2008) identificaram 9% dos participantes como vítimas e 8% como agressores. Quando comparado com outros estudos, verifica-se que o *cyberbullying* em Portugal, é ainda um fenómeno recente e com pouca expressão; porém, não é motivo para que não seja estudado, mas sim uma oportunidade de produzir-se conhecimento sobre o fenómeno, com vista à sua prevenção.

Na relação do *bullying* e do *cyberbullying* com o sexo, foram vários os autores a concluir que os rapazes estavam mais envolvidos no *bullying* directo (Olweus, 1993; Finkelhor et al., 2001; Rigby, 2002; Kolwalski et al., 2006), quando comparados com as raparigas, que preferiam um estilo de *bullying* indirecto (Nansel et al., 2001). Constatou-se uma maior prevalência na prática, tanto de *bullying* como de *cyberbullying*, por parte dos rapazes, apesar desta diferença não ter sido significativa. Deste modo, apesar de existir evidências de um maior envolvimento masculino no *bullying*, por não ter sido uma diferença

significativa, a hipótese não foi suportada, bem como não se verifica um maior envolvimento na prática de *cyberbullying*, por parte das raparigas.

Quanto à diferença de idades, observou-se uma relação significativa de vítimas de *bullying*, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, sugerindo que é nesta faixa etária que se verificam mais episódios de *bullying*, com 44,3% de vítimas deste fenómeno. No que diz respeito aos agressores, é entre os 14 e os 16 anos que se regista uma maior frequência (23 agressores) e verifica-se, ainda, um decréscimo na prática de *bullying* na faixa etária dos 17 aos 20 anos, em ambos os papéis. Não se registaram diferenças significativas no fenómeno de *cyberbullying*, salientando-se apenas um maior envolvimento nos jovens entre os 10 e os 13 anos.

Quando comparado o ensino básico com o secundário, Vitaro et al., (2006) sugeriram que é na primeira infância que se registam mais casos de *bullying*; Pellegrini e Long (2002) reforçaram, ainda, que o *bullying* é mais frequente no ensino básico, diminuindo-se a sua prática, no secundário. Sugerem também que, com o desenvolvimento de competências sociais e a aquisição de outras formas de expressão, é no secundário que se registam mais casos de *cyberbullying*. No presente estudo, não se verificam diferenças significativas na prevalência de ambos os fenómenos, tanto no ensino básico como no secundário. Contudo, pode verificar-se que existem mais casos de *bullying* no básico, quando comparados com o secundário e, uma vez que foram encontradas diferenças significativas nos jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 13, que frequentam o ensino básico, podemos de alguma forma relacionar a idade com o nível de ensino, validando-se assim a prevalência de *bullying* no básico.

Aquando da relação entre os diferentes papéis do *bullying* e do *cyberbullying*, constataram-se diversas correlações entre eles. Era pretensão do presente estudo perceber se, por um lado, os agressores de *bullying* vão ser *cyberbullies* (Mitchell et al., 2008; Juvonen & Gross, 2007) ou se por outro, as vítimas tradicionais vão assumir o papel de agressores, num contexto *online* (Raskauskas & Stoltz, 2007). Ambas as hipóteses foram suportadas, não se conseguindo apurar, com a presente investigação, uma relação clara dos papéis desempenhados nos fenómenos. Verificou-se ainda que, as vítimas de *bullying* são *cyber-vítimas*, bem como as *cyber-vítimas* são também *cyberbullies*, sendo nestas relações que se encontram as correlações mais fortes. Uma vez que não se conseguiu validar somente uma das hipóteses, previamente colocadas pelos autores e, dado a ambiguidade dos dados, sugere-se que, em estudos futuros, se aborde esta questão a fim de se identificar uma relação específica entre os papéis assumidos nos fenómenos.

Por último, pretendeu-se perceber em que medida a ansiedade social era consequência das vítimas e *cyber-vítimas*. Slee (1994) referiu que as crianças vitimizadas apresentavam maiores níveis de ansiedade. Nishina e Juvenon (2005) constataram, ainda, que um episódio de *bullying* seria suficiente para despoletar levados níveis de ansiedade social, enquanto que o *cyberbullying*, uma vez considerado uma extensão da violência sentida em contexto escolar, poderia, também, aumentar essa mesma ansiedade (Willard, 2006). Assim, era esperado que, tanto as vítimas tradicionais como as *cyber-vítimas* experienciassem maiores níveis de ansiedade social, tendo sido suportadas estas hipóteses. Nas vítimas, a ansiedade social é explicada em 16,5% pelo *bullying* e nas *cyber-vítimas*, 6,3% pelo *cyberbullying*. É importante salientar que, apesar das diferenças terem sido significativas em ambos os fenómenos, a ansiedade social sentida é mais expressiva nas vítimas tradicionais do que nas *online*.

No decorrer da presente investigação, existiram alguns obstáculos e limitações que devem ser referidas, para salvaguarda das mesmas, em estudos futuros. Na tradução do questionário, tornou-se difícil adaptar a linguagem a todas as faixas etárias, uma vez que o mesmo foi aplicado do 5º ao 12º ano, abrangendo várias etapas de crescimento dos jovens. Assim, o que poderia ser infantil para uma idade, tornava-se demasiado complexo para outra. Sugere-se, assim, que em investigações futuras, se revejam os instrumentos, no sentido de serem ainda mais adequadas para as faixas etárias a estudar.

Ainda ao nível do questionário, observou-se que os participantes, quando questionados directamente sobre o seu envolvimento nos fenómenos, foram poucos os que confessaram ser vítimas ou agressores de *bullying* ou *cyberbullying*. Mas, quando colocadas várias situações com acções concretas do quotidiano destes jovens, verificou-se que, em alguma altura do seu percurso escolar, sofreram ou praticaram estes fenómenos. Assim, o presente estudo sugere que, no que respeita os instrumentos a aplicar em investigações futuras, sejam exploradas outras escalas ou adaptadas as existentes para a realidade e contexto do país em causa. No caso do *cyberbullying*, que no contexto português é ainda um fenómeno pouco explorado, sugere-se a adaptação de escalas validadas para o *bullying* ou a construção de novas.

O presente estudo tinha, ainda, o objectivo de envolver todas as escolas básicas e secundárias, públicas, do concelho da Amadora. Dado a escassez de tempo e toda a burocracia envolvida, não foi possível aplicar o questionário a todas as escolas, pois ora as autorizações não foram concedidas, ora o tempo de resposta das mesmas foi demasiado longo, o que inviabilizou a realização do estudo nas mesmas. Se a amostra fosse ainda maior,

poderiam ter-se obtido resultados mais objectivos sobre os fenómenos em causa; uma vez que, ao nível dos papéis desempenhados pelos diferentes intervenientes, os resultados não foram concretos, a presente investigação sugere a importância de se desenvolverem mais estudos, de modo a validar-se as hipóteses e a traçar-se estratégias de prevenção destes comportamentos.

Face aos dados dos estudos existentes, corroborados na presente investigação, que traduzem a constante prevalência de *bullying* nos primeiros ciclos escolares, sugere-se o desenvolvimento e aplicação de programas tais como o *buddy program* ou *bullies2buddies*. Este tipo de programas não só actua ao nível da prevenção primária, através da informação aos jovens, como também nos casos existentes, através da interacção dos jovens mais velhos com os mais novos e consequente responsabilização destes pelos mesmos.

Relativamente ao *cyberbullying*, uma vez que se trata de um fenómeno mais complexo de ser sinalizado, é importante que os docentes estejam atentos aos comportamentos dos alunos, no sentido de identificarem alguma situação existente. Em Maio de 2011, um vídeo que circulou pelos meios de comunicação chocou a população portuguesa. Uma rapariga de 13 anos foi agredida e filmada durante a agressão. Esta agressão já tinha sido planeada via *Facebook* e, posteriormente, o vídeo foi divulgado nesta rede social. Quando questionados, alguns docentes afirmaram já ter notado um desinteresse desta rapariga pela escola, chegando mesmo a faltar às aulas. Casos como estes, que já vão sendo frequentes em Portugal, quando detectados precocemente, podem evitar danos que podem vir a ser irreversíveis ou mesmo, mortais. Dado que a escola tem cada vez um papel mais activo na educação dos jovens e a internet, um papel crucial no desenvolvimento dos mesmos, é importante que tanto a escola como os pais estejam em sintonia, de modo a garantir uma maior monitorização e melhor identificação destas situações.

Pode-se concluir que tanto o *bullying* como o *cyberbullying* são fenómenos de extrema complexidade e que afectam o dia à dia dos jovens portugueses. Se por um lado a violência vivida em contexto escolar pode originar grandes níveis de ansiedade social, por outro, essa ansiedade pode perpetuar-se no lar, no local onde antes era conhecido por refúgio, sempre que ligam o computador. Fenómenos como estes merecem não só a atenção redobrada na área da psicologia, mas também que a comunidade, a escola e os encarregados de educação estejam envolvidos e em simbiose no combate dos casos já sinalizados ou na simples prevenção dos mesmos. Uma vez que tais fenómenos acontecem em idade de desenvolvimento da personalidade, é importante que se acompanhe a evolução e transformação do *bullying* e do *cyberbullying* na sociedade, com vista à formação de adultos

socialmente integrados e capazes de desenvolverem relações saudáveis, ao longo das suas vidas.

Referências

- Aftab, P. (2006). *Stop Cyberbullying*. Retirado a 23 de Maio de 2011 de http://www.stopcyberbullying.org/doc/what_is_cyberbullying_exactly.doc
- Agatston, P., & Carpenter, M. (2006). *Electronic Bullying Survey*. Unpublished manuscript.
- Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D., & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: As práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portuguesas. In R. Astor, E. Debardeux, & C. Neto (Ed.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 134). Lisboa: Edições FMH.
- Aluede, O., Adeleke, F., Omoike, D., & Afen-Akpaída, J. (2008). A review of the extent, nature, characteristics and effects of bullying in schools. *Journal of Instructional Psychology*, 35, 151-158.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). Cyberbullying from playground to computer. *Young Adult Library Services*, 24-27.
- American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Washington, DC: APA.
- Aricak, T., Siyahhan, S., Uzunhasanoglu, A., Saribeyoglu, S., Ciplak, S., Yilmaz, N., & Memmedov, C. (2008). Cyberbullying among Turkish Adolescents. *Cyberpsychology & Behavior*, 11(3), 253-261.
- Baele, A. V., & Hall, K. R. (2007). Cyberbullying: What school administrators (and parents) can do. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 81(1), 8-12.
- Banks, R. (1997). *Bullying in schools*. Retirado a 15 de Janeiro de 2011 de <http://www.ericcece.org/pubs/digest/1997/banks97.html>.
- Batsche, G.M. (1997). Bullying. In G. G. Bear, K. M. Minke, & A. Thomas (Ed.), *Children's needs, Part II: Development, Problems and Alternatives* (p. 171-179). Bethesda: MD, National Association of School Psychologists.

- Beran, T., & Li, Q. (2005). Cyber-harassment: A study of new method for an old behavior. *Journal of Educational Computing Research, 32*(3), 265-277.
- Bernstein, J. Y., & Watson, M. W. (1997). Children who are targets of bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 12*(4), 483-498.
- Berson, I. R., & Berson, M. J. (2005). Challenging online behavior of youth: finding from a comparative analysis of young people in the United States and New Zealand. *Social Science Computer Review, 23*(1), 29-38.
- Besag, V. (1989). *Bullies and victims in schools*. Open University Press, Milton Keynes: Philadelphia.
- Bies, R. J., & Tripp, T. M. (2005). The study of revenge in the workplace: Conceptual, ideological and empirical issues. In S. Fox, & P. E. Spector (Ed.), *Counterproductive work behavior: Investigations of actors and targets* (pp. 65-81). Washington, DC: American Psychological Association.
- Boivin, M., Hymel, S., & Bukowski, W. M. (2005). The roles of social withdrawal, peer rejection and victimization by peers in predicting loneliness and depressed mood in childhood. *Development & Psychopathology, 7*, 765-785.
- Bonetti, L., Campbell, M. A., & Gilmore, L. (2010). The Relationship of Loneliness and Social Anxiety with Children's and Adolescent's Online Communication. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, 13*(3), 279-285.
- Bryant, J. A., Sanders-Jackson, A., & Smallwood, A. M. K. (2006). IMing, text messaging and adolescents social networks. *Journal of Computers-Mediated Communications, 11*, 577-592.
- Camodeca, M., & Goossens, F. A. (2005). Aggression, social cognitions, anger and sadness in bullies and victims. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 46*, 186-197.
- Caplan, S. E. (2003). Preference for online social interaction: a theory of problematic internet use and psychological well-being. *Communication Research, 30*(6), 625-648.
- Carney, A.G., & Merrell, K.W. (2001). Bullying in schools: Perspective on understanding and preventing an international problem. *School Psychology International, 22*, 364-382.

- Carvalhosa, S. (2008). Prevention of bullying in schools: an ecological model. Norway: University of Bergen.
- Carvalhosa, S., & Matos, M. (2004). *Bullying in schools: what's going on?* Paper presented at the 9th Biennial Conference of EARA, Porto.
- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4(XIX), 523-537.
- Chesson, R. (1999). Bullying: The need for an interagency response. Bullying is a social as well as an individual problem. *British Medical Journal*, 319, 330-31.
- Correia, I., & Dalbert, C. (2008). School bullying: belief in a personal just world of bullies, victims and defenders. *European Psychologist*, 13(4), 248-254.
- Coyne, S. M., Archer, J., & Eslea, M. (2006). “We’re not friends anymore! Unless...”: The frequency and harmfulness of indirect, relational and social aggression. *Aggressive Behavior*, 32, 294-307.
- Currie, C., Hurrelmann, K., Settertobulte, W., Smith, R., & Todd, J. (2000). *Health and health behavior among young people*. Copenhagen: World Health Organization.
- Cyberbullying Research Center (2010). Retirado a 26 de Novembro de 2010 de <http://www.cyberbullying.us/research.ph>
- Dawkins, J. (1995). Bullying in school: Doctor’s responsibilities. *British Medical Journal*, 310, 274-275.
- Eslea, M., & Rees, J. (2001). At what age are children most likely to be bullied at school? *Aggression and Violent Behavior*, 27, 419-429.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2003). Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here? *School Psychology Review*, 32(3), 365-383.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive, national survey. *Child Maltreatment*, 10, 5–25.
- Fox, J. A., Elliott, D. S., Kerlikowske, R. G., Newman, S. A., & Christeson, W. (2003). *Bullying prevention is crime prevention*. Washington DC: Fight Crime, Invest in Kids.

- Froese-Germain, B. (2008). Bullying gets digital shot-in-the-arm. *Educational Canada*, 48(4), 44-47.
- Goberecht, T. (2008). *Onderzoek naar het verband tussen emotionele en gedragsproblemen en cyberpesten bij jongeren uit de eerste grad secundair onderwijs*. Brussel: VUB.
- Ireland, J. E. (2002). Bullying in prisons. *The Psychologist*, 15(3), 130-133.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496-505.
- Kashdan, T. B., & Herbert, J. D. (2001). Social anxiety disorder in childhood and adolescence: current status and future directions. *Clinical Child & Family Psychology Review*, 4, 37-61.
- Kingston, S. (2008). *Bullying as a social process: Factors influencing bystanders behavior*. Canada: Brock University St. Catharine.
- Kowalski, R., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescents Health*, 41, 522-530.
- Kowalski, R., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008). *Cyberbullying: Bullying in Digital Age*. Blackwell.
- Kumpersmidt, J. B., Sigda, K. B., Sedikides, C., & Voegler, M. E. (1999). Social self-discrepancy theory and loneliness during childhood and adolescence. In K. J. Rotenberg, & S. Hymel (Ed.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 263-279). New York: Cambridge University Press.
- La Greca, A. M., & Stone, W. L. (1993). Social Anxiety Scale for Children-Revised: Factor Structure and Current Validity. *Journal of Clinical Child Psychology*, 22(1), 17-27.
- Lemos, A., & Cunha, P. (2003). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Lev-Wiesel, R., Nuttman-Schwartz, O., & Sternberg, R. (2006). Peer rejection during adolescence: psychological long-term effects – a brief report. *Journal of Loss and Trauma*, 11, 131-142.
- Lopes Neto, A.A.L. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81, 164-172.

- Li, Q. (2005). New bottle but old wine: a research of cyberbullying in schools. *School Psychology Human Behavior, 30*, 2-15.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparison of adolescent's experience related to cyberbullying. *Educational Research, 50-3*, 223-234.
- Marini, Z., Dane, A., Bosacki, S. L., & YLC-CURA. (2006). Direct and indirect bully-victims: Differential psychosocial risk factors associated with adolescents involved in bullying and victimization. *Aggressive Behavior, 32*, 551-569.
- Matos, M., & Carvalhosa, S. (2001). A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças, 2(2)*, 43-53.
- Mishna, F., Scarcello, I., Pepler, D., & Wiener, J. (2005). Teacher's understanding of bullying. *Canadian Journal of Education, 28(4)*, 718-738.
- Mitchell, K., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency and substance use. *Child Maltreatment, 12(4)*, 314-324.
- Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Morton, B. S., & Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among U.S. youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. *The Journal of the American Medical Association, 28(16)*, 2094-2100.
- Nishina, A., & Juvonen, J. (2005). Daily reports of witnessing and experiencing peer harassment in middle school. *Child Development Journal, 76*, 435-450.
- Novo, C. (2009). Bullying e as tecnologias da comunicação: Do uso ao abuso. *Interacções, 13*, 327-337.
- Olweus, D. (1991). Bully/victim problems among school children: Basic facts and effects of a school based intervention program. In K. Rubin, & D. Pepler (Ed.), *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale NJ: Erlbaum.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 35*, 1171-1190.

- Ong, W., & Elliott, J. M. (2010). *Young adults recall of school bullying*. Singapore: Children's Society.
- Owens, L., Shute, R., & Slee, P. (2000). "I'm in and you're out . . .": Explanations for teenage girls' indirect aggression. *Psychology, Evolution & Gender*, 2.1, 19–46.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Development Psychology*, 29, 611-621.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyber bullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4, 148–169.
- Pearce, J.B., & Thompson, A.C. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79, 528-531.
- Pellegrini, A. D., & Bartini, M. (2001). Dominance in early adolescent boys: Affiliative and aggressive dimensions and possible functions. *Merrill-Palmer Quarterly*, 47(1), 142-163.
- Pellegrini, A. D., & Long, J. D. (2002). A longitudinal study of bullying, dominance and victimization during the transition from primary school through secondary school. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 259-280.
- Peter, J., Valkenburg, P. M., & Schouten, A. P. (2005). Developing a model of adolescent friendship formation on the internet. *Cyberpsychology & Behavior*, 8, 423-30.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2006). Research note: individual differences in perceptions on internet communications. *European Journal of Communications*, 21, 213-226.
- Pronk, R. E., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2009). It's "Mean", but what does it mean to adolescents? Relational aggression described by victims, aggressors and their peers. *Journal of Adolescent Research*, 25(2), 175-204.
- Rapee, R. M., & Heimberg, R. G. (1997). A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia. *Behavior Research & Therapy*, 35, 741-756.
- Raskaukas, J., & Stoltz, A. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Development Psychology*, 43(3), 564-575.

- Rigby, K. (2002). *New Perspectives on Bullying*. London: Jessica Kingsley.
- Roland, E. (2002). Bullying, depressive symptoms and suicidal thoughts. *Educational Research, 44*(1), 55-67.
- Salmivalli, C., & Nieminen, E. (2002). Proactive and reactive aggression among school bullies, victims and bully-victims. *Aggressive Behavior, 28*, 30-44.
- Sanders, J. (2009). *Cyberbullies: Their motives, characteristics and types of bullying*. Presentation in the XIV European Conference of Developmental Psychology, Vilnius, Lithuania.
- Salmivalli, C., Kaukiainen, A., Kaistaniemi, L., & Lagerspetz, K. (1999). Self-evaluated self-esteem, peer-evaluated self-esteem and defensive egotism as predictors of adolescents participation in bullying situations. *Personality and Social Psychology Bulletin, 25*, 1268-1278.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica, 2* (XXIII), 97-110.
- Seepersad, S. (2004). Coping with loneliness: adolescent online and offline behavior. *Cyberpsychology & Behavior, 7*(1), 35-39.
- Slee, P. T. (1994). Situational and Interpersonal Correlates of Anxiety Associated with Peer Victimization. *Child Psychiatry and Human Development, 26*, 97-107.
- Smith, P. K., & Morita, Y. (1999). Introduction. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Ed.), *The Nature of School Bullying: A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Smith, P. K. (2002). Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In E. Debarbieux, & C. Blaya (Ed.), *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília, UNESCO, p. 187-205.
- Smith, P., Mahdavi, J., Carvalho, M., & Tippett, N. (2006). An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying. *School and Family Studies, Goldsmiths College, University of London*.

- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49*(4), 376-385.
- Smokowski, P. R., & Kopasz, K. H. (2005). Bullying in school: an overview of types, effects, family characteristics and interventions strategies. *Children & Schools, 27*(2), 101-110.
- Solberg, M. E., & Olweus, D. (2003). Prevalence Estimation of School Bullying With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior, 29*, 239-268.
- Sparling, P. (2004). Mean machines: New technologies let the neighborhood bully taunt you anywhere, anytime. But you can fight back. *Current Health, 28*(8), 18-20.
- Sullivan, D. E. (2006). Recycled cell phones – a treasure trove of valuable metals. Retirado a 22 de Maio de 2011 de <http://pubs.usgs.gov/fs/2006/3097>
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing Children and Adolescents Engaged in Cyberbullying to Matched Peers. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, 13*(2), 195-199.
- Tynes, B., Rose, A., & Williams, D. (2010). The Development and Validation of the Online Victimization Scale for Adolescents. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace, 4*(2), article 1.
- Vitaro, F., Brendgen, M., & Barker, E. D. (2006). Subtypes of aggressive behaviors: a developmental perspective. *International Journal of Behavioral Development, 30*(1), 12-19.
- Whitney, I., & Smith, P. K. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research, 35*(1), 3-25.
- Willard, N. (2006). *Cyber Bullying and Cyber Threats: Responding to the Challenge of Online Social Cruelty, Threat, and Distress*. Eugene, OR: Center for Safe and Responsible Internet Use.
- Williams, K., Cheung, C. K. T., & Choi, W. (2000). Cyberostracism: Effects of being ignored over the Internet. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 748–762.

- Wieser, M. J., Pauli, P., & Grosseibl, M. (2010). Virtual Social Interactions in Social Anxiety – The Impact of Sex, Gaze and Interpersonal Distance. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 13(5), 547-554.
- Ybarra, M. L. (2004). Linkages between depressive symptomatology and internet harassment among young regular internet users. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(2), 247-257.
- Ybarra, M., & Mitchell, K. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, internet use and personal characteristics. *Journal of Adolescents*, 2(3), 319-336.
- Ybarra, M., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to internet harassment: findings from the second Youth Internet Survey. *Pediatrics*, 118(4), 1169-1177.

Anexos

Anexo I - Instrumento



O presente questionário surge no âmbito de uma tese de Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, do ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa.

Este estudo tem como objectivo perceber a forma como te relacionas com os teus colegas/amigos, propondo algumas questões sobre o teu dia a dia.

Pedimos a tua colaboração para responder a este questionário, estimamos que o mesmo tenha a duração de aproximadamente 10 minutos.

As tuas respostas são confidenciais e anónimas, sendo que não existem respostas certas ou erradas.

Pedimos-te que leias atentamente a informação que se segue:

→ **Bullying** consiste na **agressão/vitimização** entre duas ou mais pessoas, onde se verifica o abuso de alguém mais forte (*bully*) sobre um indivíduo mais fraco (vítima) e que ocorre mais do que uma vez.

✓ **Bullying É** bater, insultar, excluir do grupo, ameaçar, estragar ou roubar objectos; ocorre **frente a frente**.

× **NÃO É bullying** quando dois alunos com aproximadamente a mesma força ou poder, discutem ou brigam.

1. Quantas vezes foste **vítima de bullying** na escola, nos últimos 2 meses?

- a) Não fui vítima na escola, nos últimos 2 meses
- b) Aconteceu apenas uma a duas vezes
- c) 2 a 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Diversas vezes por semana

2. Quantas vezes **agrediste (bully)** outro(s) aluno(s) na escola, nos últimos 2 meses?

- a) Não agredi outro(s) estudante(s) na escola, nos últimos 2 meses
- b) Aconteceu apenas uma ou duas vezes
- c) 2 ou 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Diversas vezes por semana

3. Tendo presente o conceito de **bullying**, lê as afirmações que se seguem e, de acordo com a escala apresentada, selecciona com uma cruz (x) a resposta que melhor se adequa.

3.1 Na escola, quantas vezes te aconteceram as seguintes situações?

1 Nunca	2 Apenas uma ou duas vezes	3 Cerca de 2 a 3 vezes por mês	4 Cerca de uma vez por semana	5 Diariamente / Quase diariamente
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
10. Outros (especificar: _____)				

3.2 Na escola, quantas vezes fizeste aos teus colegas, as seguintes situações?

1 Nunca	2 Apenas uma ou duas vezes	3 Cerca de 2 a 3 vezes por mês	4 Cerca de uma vez por semana	5 Diariamente / Quase diariamente
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
				1 2 3 4 5
10. Outros (especificar: _____)				

Pedimos-te que leias com atenção a informação que se segue:

→ ***Cyberbullying*** é uma nova forma de ***bullying***, mas tecnológico. É definido por todas as acções intencionais e repetidas, conduzidas por alguém, com vista a molestar, humilhar, denegrir ou assediar um indivíduo, através do uso da tecnologia (telemóvel, internet, etc.).

4. Quantas vezes foste **vítima de *cyberbullying***, através dos meios tecnológicos, nos últimos 2 meses?

- a) Não fui vítima de *cyberbullying* nos últimos 2 meses
- b) Aconteceu apenas uma a duas vezes
- c) 2 a 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Diversas vezes por semana

5. Quantas vezes **agrediste (*cyberbully*)** outro(s) aluno(s), através dos meios tecnológicos, nos últimos 2 meses?

- a) Não agredi outro(s) estudante(s) nos últimos 2 meses
- b) Aconteceu apenas uma ou duas vezes
- c) 2 ou 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Diversas vezes por semana

6. Tendo presente o conceito de **cyberbullying**, lê as afirmações que se seguem e, de acordo com a escala apresentada, selecciona com uma cruz (x) a resposta que melhor se adequa.

6.1 Quantas vezes te aconteceram as seguintes situações?

1 Nunca	2 Apenas uma ou duas vezes	3 Cerca de 2 a 3 vezes por mês	4 Cerca de uma vez por semana	5 Diariamente / Quase diariamente
				1 2 3 4 5
1. Fizeram comentários negativos (rumores ou nomes) na internet, acerca da minha aparência, a minha maneira de agir ou vestir.				
				1 2 3 4 5
2. Fizeram comentários maus e rudes relacionados com a forma como escrevo online.				
				1 2 3 4 5
3. Postaram coisas más e insultuosas sobre mim na internet.				
				1 2 3 4 5
4. Foste intimidado(a) ou incomodado(a) online, sem razão aparente.				
				1 2 3 4 5
5. Foste intimidado(a) ou incomodado(a) online, por alguma coisa que aconteceu na escola.				
				1 2 3 4 5
6. Foste vítima de <i>bullying</i> online.				
				1 2 3 4 5
7. Foste ameaçado online devido à tua aparência, forma como falas ou ages.				
				1 2 3 4 5
8. Foste envergonhado ou humilhado online.				
				1 2 3 4 5
9. Recebeste SMS ou MMS com conteúdo insultuoso.				
				1 2 3 4 5
10. Outros (especificar: _____)				

6.2 Quantas vezes fizeste aos teus colegas as seguintes situações?

1 Nunca	2 Apenas uma ou duas vezes	3 Cerca de 2 a 3 vezes por mês	4 Cerca de uma vez por semana	5 Diariamente / Quase diariamente
				1 2 3 4 5
1. Fizeste comentários negativos (rumores ou nomes) na internet, acerca da aparência, a maneira de agir ou vestir de alguém.				
				1 2 3 4 5
2. Fizeste comentários maus e rudes relacionados com a forma como alguém escreve online.				
				1 2 3 4 5
3. Postaste coisas más e insultuosas sobre alguém na internet.				
				1 2 3 4 5
4. Intimidaste ou incomodaste online, sem razão aparente.				
				1 2 3 4 5
5. Intimidaste ou incomodaste online, por alguma coisa que aconteceu na escola.				
				1 2 3 4 5
6. Foste agressor de <i>bullying</i> online.				
				1 2 3 4 5
7. Ameaçaste online devido à aparência, forma como alguém fala ou age.				
				1 2 3 4 5
8. Envergonhaste ou humilhaste alguém online.				
				1 2 3 4 5
9. Enviaste SMS ou MMS com conteúdo insultuoso a alguém.				
				1 2 3 4 5
10. Outros (especificar: _____)				

7. Lê as afirmações que se seguem e, de acordo com a escala apresentada, selecciona com uma cruz (x) a resposta que melhor te caracteriza.

7.1 Em que medida te identificas com as seguintes afirmações?

	1 Nada característico	2 Ligeiramente característico	3 Moderadamente característico	4 Muito característico	5 Extremamente característico
1. Preocupo-me em fazer algo novo em frente a outros colegas.	1	2	3	4	5
2. Tenho medo de ser gozado(a).	1	2	3	4	5
3. Sinto-me envergonhado(a) ao pé de colegas que não conheço.	1	2	3	4	5
4. Sinto que os outros colegas falam sobre mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
5. Eu só falo com colegas que conheço muito bem.	1	2	3	4	5
6. Preocupo-me com o que os outros colegas possam pensar sobre mim.	1	2	3	4	5
7. Tenho receio que os outros colegas não gostem de mim.	1	2	3	4	5
8. Sinto-me nervoso(a) quando falo com colegas que não conheço muito bem.	1	2	3	4	5
9. Preocupo-me com o que os outros colegas dizem sobre mim.	1	2	3	4	5
10. Fico nervoso(a) quando falo com colegas que não conheço.	1	2	3	4	5
11. Preocupo-me que os outros colegas não gostem de mim.	1	2	3	4	5
12. Sou calmo quando estou entre colegas.	1	2	3	4	5
13. Sinto que os outros colegas gozam comigo.	1	2	3	4	5
14. Se me envolvo numa discussão com alguém, preocupo-me que essa pessoa não goste de mim.	1	2	3	4	5
15. Tenho medo de convidar outros colegas para virem a minha casa, pois podem recusar.	1	2	3	4	5
16. Fico nervoso(a) quando estou ao pé de certos colegas.	1	2	3	4	5
17. Fico envergonhado(a) mesmo com colegas que conheço muito bem.	1	2	3	4	5
18. Para mim é difícil perguntar a outros colegas se querem almoçar comigo.	1	2	3	4	5

8. Por fim, pedimos-te que nos dês algumas informações sobre ti:

8.1 Sexo:

Masculino

Feminino

8.2 Idade _____

8.3 Ano de escolaridade

5º ano

6º ano

7º ano

8º ano

9º ano

10º ano

11º ano

12º ano

Obrigada pela tua participação!

Anexo 2 – Autorização para os Encarregados de Educação



Autorização

Autorizo o meu educando _____ a preencher o questionário sobre *bullying/cyberbullying*, junto com a sua turma, no âmbito da tese de mestrado de Sara Alexandra Pereira, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, ISCTE-IUL.

Sim

Não

Assinatura do encarregado de educação: _____

Anexo 3 – Caracterização da Amostra

Distribuição de frequências da variável “sexo”

Statistics

Sexo

N	Valid	314
	Missing	0

Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	153	48,7	48,7	48,7
	Feminino	161	51,3	51,3	100,0
Total		314	100,0	100,0	

Distribuição de frequências da variável “idade”

Statistics

Idade

N	Valid	314
	Missing	0
Mean		14,68
Median		15,00
Mode		15
Std. Deviation		2,509
Minimum		10
Maximum		20

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10	15	4,8	4,8	4,8
	11	36	11,5	11,5	16,2
	12	30	9,6	9,6	25,8
	13	23	7,3	7,3	33,1
	14	17	5,4	5,4	38,5
	15	60	19,1	19,1	57,6
	16	45	14,3	14,3	72,0
	17	52	16,6	16,6	88,5
	18	26	8,3	8,3	96,8
	19	7	2,2	2,2	99,0
	20	3	1,0	1,0	100,0
	Total	314	100,0	100,0	

Distribuição de frequências da variável “idade” (recodificação da variável idade por escalões)

Statistics

Idade_escalões

N	Valid	314
	Missing	0
Minimum		1
Maximum		3
Percentiles	25	1,00
	50	2,00
	75	3,00

Idade_escalões

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10-13	104	33,1	33,1	33,1
	14-16	122	38,9	38,9	72,0
	17-20	88	28,0	28,0	100,0
	Total	314	100,0	100,0	

Distribuição de frequências da variável “escolaridade”

Statistics

Escolaridade

N	Valid	314
	Missing	0

Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	5º ano	31	9,9	9,9	9,9
	6º ano	50	15,9	15,9	25,8
	7º ano	21	6,7	6,7	32,5
	8º ano	14	4,5	4,5	36,9
	9º ano	21	6,7	6,7	43,6
	10º ano	79	25,2	25,2	68,8
	11º ano	51	16,2	16,2	85,0
	12º ano	47	15,0	15,0	100,0
	Total	314	100,0	100,0	

Distribuição de frequências da variável “escolaridade” (recodificação da variável escolaridade)

Statistics

Escalões

N	Valid	314
	Missing	0

Escalões

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Básico	137	43,6	43,6	43,6
	Secundário	177	56,4	56,4	100,0
	Total	314	100,0	100,0	

Distribuição de frequências da variável “escolas”

Statistics

Escola		
N	Valid	314
	Missing	0

Escola					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mães d'Água	128	40,8	40,8	40,8
	Escola Básica Almeida Garret	52	16,6	16,6	57,3
	Secundária da Amadora	134	42,7	42,7	100,0
	Total	314	100,0	100,0	

Anexo 4 - Caracterização dos casos de bullying e cyberbullying

Medida de consistência interna da variável “vítimas de *bullying*”

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	308	98,1
	Excluded ^a	6	1,9
	Total	314	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,816	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Quantas vezes foste empurrado ou te bateram?	11,20	15,404	,309	,821
Quantas vezes recebeste ameaças, intimidaram-te ou fizeram-te gestos hostis?	11,30	14,619	,522	,798
Quantas vezes foste insultado ou repreendido?	10,97	12,722	,639	,781
Quantas vezes foste provocado, de forma intencional ou cruel?	11,19	13,239	,648	,780
Quantas vezes recebeste comentários degradantes sobre ti ou nomes ofensivos?	11,02	12,684	,662	,777
Quantas vezes foste excluído do grupo ou manipularam amizades?	11,41	14,678	,553	,795
Quantas vezes espalharam boatos desagradáveis sobre ti?	11,32	14,806	,478	,802
Quantas vezes foste gozado pela cor da tua pele, religião ou orientação sexual?	11,48	15,631	,343	,816
Quantas vezes fizeram comentários/gestos ordinários ou piadas sexuais em relação a ti?	11,36	14,441	,478	,802

Distribuição de frequências da variável “vítimas de *bullying*”

Statistics

Vítimas

N	Valid	308
	Missing	6

Vítimas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9	238	75,8	77,3	77,3
	10	29	9,2	9,4	86,7
	11	17	5,4	5,5	92,2
	12	13	4,1	4,2	96,4
	13	3	1,0	1,0	97,4
	14	4	1,3	1,3	98,7
	15	1	,3	,3	99,0
	16	3	1,0	1,0	100,0
	Total	308	98,1	100,0	
Missing	System	6	1,9		
Total		314	100,0		

Distribuição de frequências da variável “vítimas de *bullying*” (recodificada)

Statistics

VítimasBullying

N	Valid	308
	Missing	6

VítimasBullying

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	238	75,8	77,3	77,3
	Sim	70	22,3	22,7	100,0
	Total	308	98,1	100,0	
Missing	System	6	1,9		
Total		314	100,0		

Medida de consistência interna da variável “agressor de *bullying*”

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	312	99,4
	Excluded ^a	2	,6
	Total	314	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,846	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Quantas vezes empurraste ou bateste em alguém?	9,76	10,317	,572	,829
Quantas vezes ameaçaste, intimidaste ou fizeste gestos hostis?	9,94	10,106	,653	,819
Quantas vezes insultaste ou repreendeste alguém?	9,74	9,712	,705	,813
Quantas vezes provocaste alguém, de forma intencional ou cruel?	9,99	10,128	,725	,811
Quantas vezes fizeste comentários degradantes sobre alguém ou chamaste nomes ofensivos?	9,82	10,384	,570	,829
Quantas vezes excluístes alguém do grupo ou manipulaste amizades?	10,10	11,800	,530	,836
Quantas vezes espalhaste boatos degradantes sobre alguém?	10,11	12,133	,424	,843
Quantas vezes gozaste com alguém pela cor da sua pele, religião ou orientação sexual?	10,04	11,516	,386	,847
Quantas vezes fizeste comentários/gestos ordinários ou piadas sexuais sobre alguém?	10,02	11,366	,539	,833

Distribuição de frequências da variável “agressor de *bullying*”

Statistics

Bullies

N	Valid	312
	Missing	2

Bullies

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9	269	85,7	86,2	86,2
	10	20	6,4	6,4	92,6
	11	10	3,2	3,2	95,8
	12	5	1,6	1,6	97,4
	14	5	1,6	1,6	99,0
	15	1	,3	,3	99,4
	16	2	,6	,6	100,0
	Total	312	99,4	100,0	
Missing	System	2	,6		
Total		314	100,0		

Distribuição de frequências da variável “agressor de *bullying*” (recodificada)

Statistics

BBullies		
N	Valid	312
	Missing	2

BBullies

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	269	85,7	86,2	86,2
	Sim	43	13,7	13,8	100,0
	Total	312	99,4	100,0	
Missing	System	2	,6		
Total		314	100,0		

Medida de consistência interna da variável “*cyber-vítima*”

Case Processing Summary

	N	%
Valid	309	98,4
Excluded ^a	5	1,6
Total	314	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,879	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Quantas vezes fizeram comentários negativos (rumores ou nomes) na internet, acerca da minha aparência, a minha maneira de agir ou vestir?	9,07	6,761	,579	,872
Quantas vezes fizeram comentários maus e rudes relacionados com a forma como escrevo online?	9,20	7,447	,627	,866
Quantas vezes postaram coisas más e insultuosas sobre mim na internet?	9,18	7,168	,713	,859
Quantas vezes foste intimidado ou incomodado online, sem razão aparente?	9,10	6,944	,634	,864
Quantas vezes foste intimidado ou incomodado online, por alguma coisa que aconteceu na escola?	9,15	7,095	,609	,866
Quantas vezes foste vítima de bullying online?	9,19	7,101	,651	,863
Quantas vezes foste ameaçado online devido à tua aparência, forma como falas ou ages?	9,20	7,172	,647	,863
Quantas vezes foste envergonhado ou humilhado online?	9,18	6,997	,727	,857
Quantas vezes recebeste SMS ou MMS com conteúdo insultuoso?	9,06	7,110	,511	,877

Distribuição de frequências da variável “cyber-vítima”

Statistics

Cybervítimas

N	Valid	309
	Missing	5

Cybervítimas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9	288	91,7	93,2	93,2
	10	13	4,1	4,2	97,4
	11	4	1,3	1,3	98,7
	12	1	,3	,3	99,0
	13	1	,3	,3	99,4
	17	1	,3	,3	99,7
	18	1	,3	,3	100,0
	Total	309	98,4	100,0	
Missing	System	5	1,6		
Total		314	100,0		

Distribuição de frequências da variável “cyber-vítimas” (recodificada)

Statistics

CCybervítimas

N	Valid	309
	Missing	5

CCybervítimas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	288	91,7	93,2	93,2
	Sim	21	6,7	6,8	100,0
	Total	309	98,4	100,0	
Missing	System	5	1,6		
Total		314	100,0		

Medida de consistência interna da variável “cyberbullies”

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	307	97,8
	Excluded ^a	7	2,2
	Total	314	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,814	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Quantas vezes fizeste comentários negativos (rumores ou nomes) na internet, acerca da minha aparência, a minha maneira de agir ou vestir?	8,49	2,041	,542	,794
Quantas vezes fizeste comentários maus e rudes relacionados com a forma como escrevo online?	8,49	1,957	,609	,784
Quantas vezes postaste coisas más e insultuosas sobre mim na internet?	8,54	2,249	,666	,781
Quantas vezes intimidaste ou incomodaste online, sem razão aparente?	8,54	2,295	,592	,788
Quantas vezes intimidaste ou incomodaste online, por alguma coisa que aconteceu na escola?	8,53	2,283	,496	,797
Quantas vezes foste agressor de bullying online?	8,56	2,462	,506	,801
Quantas vezes ameaçaste online devido à tua aparência, forma como falas ou ages?	8,55	2,360	,476	,800
Quantas vezes envergonhaste ou humilhaste online?	8,53	2,263	,521	,794
Quantas vezes enviaste SMS ou MMS com conteúdo insultuoso?	8,49	2,310	,361	,816

Distribuição de frequências da variável “*cyberbullies*”

Statistics

Cyberbullies

N	Valid	307
	Missing	7

Cyberbullies

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9	295	93,9	96,1	96,1
	10	3	1,0	1,0	97,1
	11	6	1,9	2,0	99,0
	12	2	,6	,7	99,7
	13	1	,3	,3	100,0
	Total	307	97,8	100,0	
Missing	System	7	2,2		
Total		314	100,0		

Distribuição de frequências da variável “*cyberbullies*” (recodificada)

Statistics

CCyberbullies

N	Valid	307
	Missing	7

CCyberbullies

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	295	93,9	96,1	96,1
	Sim	12	3,8	3,9	100,0
	Total	307	97,8	100,0	
Missing	System	7	2,2		
Total		314	100,0		

Anexo 5 - Relação do bullying e do cyberbullying com a variável “sexo” e “idade”

Relação do bullying e do cyberbullying com a variável “sexo”

Case Processing Summary						
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * VítimasBullying	308	98,1%	6	1,9%	314	100,0%
Sexo * BBullies	312	99,4%	2	,6%	314	100,0%
Sexo * CCybervítimas	309	98,4%	5	1,6%	314	100,0%
Sexo * CCyberbullies	307	97,8%	7	2,2%	314	100,0%

Crosstab					
			VítimasBullying		Total
			Não	Sim	
Sexo	Masculino	Count	113	37	150
		% within Sexo	75,3%	24,7%	100,0%
		% within VítimasBullying	47,5%	52,9%	48,7%
		% of Total	36,7%	12,0%	48,7%
		Adjusted Residual	-,8	,8	
Feminino		Count	125	33	158
		% within Sexo	79,1%	20,9%	100,0%
		% within VítimasBullying	52,5%	47,1%	51,3%
		% of Total	40,6%	10,7%	51,3%
		Adjusted Residual	,8	-,8	
Total		Count	238	70	308
		% within Sexo	77,3%	22,7%	100,0%
		% within VítimasBullying	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	77,3%	22,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,626 ^a	1	,429		
Continuity Correction ^b	,429	1	,512		
Likelihood Ratio	,626	1	,429		
Fisher's Exact Test				,497	,256
Linear-by-Linear Association	,624	1	,429		
N of Valid Cases	308				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 34,09.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			BBullies		Total
			Não	Sim	
Sexo	Masculino	Count	129	24	153
		% within Sexo	84,3%	15,7%	100,0%
		% within BBullies	48,0%	55,8%	49,0%
		% of Total	41,3%	7,7%	49,0%
		Adjusted Residual	-1,0	1,0	
	Feminino	Count	140	19	159
		% within Sexo	88,1%	11,9%	100,0%
		% within BBullies	52,0%	44,2%	51,0%
		% of Total	44,9%	6,1%	51,0%
		Adjusted Residual	1,0	-1,0	
Total		Count	269	43	312
		% within Sexo	86,2%	13,8%	100,0%
		% within BBullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	86,2%	13,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,916 ^a	1	,338		
Continuity Correction ^b	,629	1	,428		
Likelihood Ratio	,917	1	,338		
Fisher's Exact Test				,412	,214
Linear-by-Linear Association	,913	1	,339		
N of Valid Cases	312				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,09.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			CCybervítimas		Total
			Não	Sim	
Sexo	Masculino	Count	137	13	150
		% within Sexo	91,3%	8,7%	100,0%
		% within CCybervítimas	47,6%	61,9%	48,5%
		% of Total	44,3%	4,2%	48,5%
		Adjusted Residual	-1,3	1,3	
	Feminino	Count	151	8	159
		% within Sexo	95,0%	5,0%	100,0%
		% within CCybervítimas	52,4%	38,1%	51,5%
		% of Total	48,9%	2,6%	51,5%
		Adjusted Residual	1,3	-1,3	
Total		Count	288	21	309
		% within Sexo	93,2%	6,8%	100,0%
		% within CCybervítimas	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	93,2%	6,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,610 ^a	1	,204		
Continuity Correction ^b	1,087	1	,297		
Likelihood Ratio	1,621	1	,203		
Fisher's Exact Test				,260	,149
Linear-by-Linear Association	1,605	1	,205		
N of Valid Cases	309				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,19.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			CCyberbullies		Total
			Não	Sim	
Sexo	Masculino	Count	141	8	149
		% within Sexo	94,6%	5,4%	100,0%
		% within CCyberbullies	47,8%	66,7%	48,5%
		% of Total	45,9%	2,6%	48,5%
		Adjusted Residual	-1,3	1,3	
	Feminino	Count	154	4	158
		% within Sexo	97,5%	2,5%	100,0%
		% within CCyberbullies	52,2%	33,3%	51,5%
		% of Total	50,2%	1,3%	51,5%
		Adjusted Residual	1,3	-1,3	
Total		Count	295	12	307
		% within Sexo	96,1%	3,9%	100,0%
		% within CCyberbullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	96,1%	3,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,644 ^a	1	,200		
Continuity Correction ^b	,975	1	,323		
Likelihood Ratio	1,668	1	,196		
Fisher's Exact Test				,246	,162
Linear-by-Linear Association	1,638	1	,201		
N of Valid Cases	307				

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,82.

b. Computed only for a 2x2 table

Relação do *bullying* e do *cyberbullying* com a variável “idade”

Crosstab

			VítimasBullying		Total
			Não	Sim	
Idade_escalões	10-13	Count	69	31	100
		% within Idade_escalões	69,0%	31,0%	100,0%
		% within VítimasBullying	29,0%	44,3%	32,5%
		% of Total	22,4%	10,1%	32,5%
		Adjusted Residual	-2,4	2,4	
	14-16	Count	99	21	120
		% within Idade_escalões	82,5%	17,5%	100,0%
		% within VítimasBullying	41,6%	30,0%	39,0%
		% of Total	32,1%	6,8%	39,0%
		Adjusted Residual	1,7	-1,7	
	17-20	Count	70	18	88
		% within Idade_escalões	79,5%	20,5%	100,0%
		% within VítimasBullying	29,4%	25,7%	28,6%
		% of Total	22,7%	5,8%	28,6%
		Adjusted Residual	,6	-,6	
Total		Count	238	70	308
		% within Idade_escalões	77,3%	22,7%	100,0%
		% within VítimasBullying	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	77,3%	22,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,023 ^a	2	,049
Likelihood Ratio	5,868	2	,053
Linear-by-Linear Association	3,194	1	,074
N of Valid Cases	308		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 20,00.

Crosstab

			BBullies		Total
			Não	Sim	
Idade_escalões	10-13	Count	87	15	102
		% within Idade_escalões	85,3%	14,7%	100,0%
		% within BBullies	32,3%	34,9%	32,7%
		% of Total	27,9%	4,8%	32,7%
		Adjusted Residual	-,3	,3	
14-16	14-16	Count	105	17	122
		% within Idade_escalões	86,1%	13,9%	100,0%
		% within BBullies	39,0%	39,5%	39,1%
		% of Total	33,7%	5,4%	39,1%
		Adjusted Residual	-,1	,1	
17-20	17-20	Count	77	11	88
		% within Idade_escalões	87,5%	12,5%	100,0%
		% within BBullies	28,6%	25,6%	28,2%
		% of Total	24,7%	3,5%	28,2%
		Adjusted Residual	,4	-,4	
Total		Count	269	43	312
		% within Idade_escalões	86,2%	13,8%	100,0%
		% within BBullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	86,2%	13,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,197 ^a	2	,906
Likelihood Ratio	,199	2	,905
Linear-by-Linear Association	,190	1	,663
N of Valid Cases	312		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,13.

Crosstab

			CCybervítimas		Total
			Não	Sim	
Idade_escalões	10-13	Count	92	11	103
		% within Idade_escalões	89,3%	10,7%	100,0%
		% within CCybervítimas	31,9%	52,4%	33,3%
		% of Total	29,8%	3,6%	33,3%
		Adjusted Residual	-1,9	1,9	
	14-16	Count	112	7	119
		% within Idade_escalões	94,1%	5,9%	100,0%
		% within CCybervítimas	38,9%	33,3%	38,5%
		% of Total	36,2%	2,3%	38,5%
		Adjusted Residual	,5	-,5	
	17-20	Count	84	3	87
		% within Idade_escalões	96,6%	3,4%	100,0%
		% within CCybervítimas	29,2%	14,3%	28,2%
		% of Total	27,2%	1,0%	28,2%
		Adjusted Residual	1,5	-1,5	
Total		Count	288	21	309
		% within Idade_escalões	93,2%	6,8%	100,0%
		% within CCybervítimas	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	93,2%	6,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,149 ^a	2	,126
Likelihood Ratio	4,134	2	,127
Linear-by-Linear Association	3,975	1	,046
N of Valid Cases	309		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,91.

Crosstab

			CCyberbullies		Total
			Não	Sim	
Idade_escalões	10-13	Count	98	3	101
		% within Idade_escalões	97,0%	3,0%	100,0%
		% within CCyberbullies	33,2%	25,0%	32,9%
		% of Total	31,9%	1,0%	32,9%
		Adjusted Residual	,6	-,6	
	14-16	Count	112	7	119
		% within Idade_escalões	94,1%	5,9%	100,0%
		% within CCyberbullies	38,0%	58,3%	38,8%
		% of Total	36,5%	2,3%	38,8%
		Adjusted Residual	-1,4	1,4	
	17-20	Count	85	2	87
		% within Idade_escalões	97,7%	2,3%	100,0%
		% within CCyberbullies	28,8%	16,7%	28,3%
		% of Total	27,7%	,7%	28,3%
		Adjusted Residual	,9	-,9	
Total		Count	295	12	307
		% within Idade_escalões	96,1%	3,9%	100,0%
		% within CCyberbullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	96,1%	3,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,071 ^a	2	,355
Likelihood Ratio	2,033	2	,362
Linear-by-Linear Association	,029	1	,865
N of Valid Cases	307		

a. 3 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,40.

Anexo 6 - Diferença dos fenómenos do ensino básico para o secundário

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Escalões * VítimasBullying	308	98,1%	6	1,9%	314	100,0%
Escalões * BBullies	312	99,4%	2	,6%	314	100,0%
Escalões * CCybervítimas	309	98,4%	5	1,6%	314	100,0%
Escalões * CCyberbullies	307	97,8%	7	2,2%	314	100,0%

Crosstab

			VítimasBullying		Total
			Não	Sim	
Escalões	Básico	Count	95	37	132
		% within Escalões	72,0%	28,0%	100,0%
		% within VítimasBullying	39,9%	52,9%	42,9%
		% of Total	30,8%	12,0%	42,9%
		Adjusted Residual	-1,9	1,9	
Secundário	Count	Count	143	33	176
		% within Escalões	81,3%	18,8%	100,0%
		% within VítimasBullying	60,1%	47,1%	57,1%
		% of Total	46,4%	10,7%	57,1%
		Adjusted Residual	1,9	-1,9	
Total	Count	Count	238	70	308
		% within Escalões	77,3%	22,7%	100,0%
		% within VítimasBullying	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	77,3%	22,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,699 ^a	1	,054		
Continuity Correction ^b	3,189	1	,074		
Likelihood Ratio	3,669	1	,055		
Fisher's Exact Test				,074	,037
Linear-by-Linear Association	3,687	1	,055		
N of Valid Cases	308				

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 30,00.

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,699 ^a	1	,054		
Continuity Correction ^b	3,189	1	,074		
Likelihood Ratio	3,669	1	,055		
Fisher's Exact Test				,074	,037
Linear-by-Linear Association	3,687	1	,055		
N of Valid Cases	308				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 30,00.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			BBullies		Total
			Não	Sim	
Escalões	Básico	Count	116	19	135
		% within Escalões	85,9%	14,1%	100,0%
		% within BBullies	43,1%	44,2%	43,3%
		% of Total	37,2%	6,1%	43,3%
		Adjusted Residual	-,1	,1	
	Secundário	Count	153	24	177
		% within Escalões	86,4%	13,6%	100,0%
		% within BBullies	56,9%	55,8%	56,7%
		% of Total	49,0%	7,7%	56,7%
		Adjusted Residual	,1	-,1	
Total		Count	269	43	312
		% within Escalões	86,2%	13,8%	100,0%
		% within BBullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	86,2%	13,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,017 ^a	1	,896	1,000	,512
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,017	1	,896		
Fisher's Exact Test					
Linear-by-Linear Association	,017	1	,896		
N of Valid Cases	312				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 18,61.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			CCybervítimas		Total
			Não	Sim	
Escalões	Básico	Count	122	13	135
		% within Escalões	90,4%	9,6%	100,0%
		% within CCybervítimas	42,4%	61,9%	43,7%
		% of Total	39,5%	4,2%	43,7%
		Adjusted Residual	-1,7	1,7	
	Secundário	Count	166	8	174
		% within Escalões	95,4%	4,6%	100,0%
		% within CCybervítimas	57,6%	38,1%	56,3%
		% of Total	53,7%	2,6%	56,3%
		Adjusted Residual	1,7	-1,7	
Total		Count	288	21	309
		% within Escalões	93,2%	6,8%	100,0%
		% within CCybervítimas	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	93,2%	6,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,039 ^a	1	,081		
Continuity Correction ^b	2,296	1	,130		
Likelihood Ratio	3,015	1	,082		
Fisher's Exact Test				,110	,065
Linear-by-Linear Association	3,029	1	,082		
N of Valid Cases	309				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,17.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstab

			CCyberbullies		Total
			Não	Sim	
Escalões	Básico	Count	128	5	133
		% within Escalões	96,2%	3,8%	100,0%
		% within CCyberbullies	43,4%	41,7%	43,3%
		% of Total	41,7%	1,6%	43,3%
		Adjusted Residual	,1	-,1	
	Secundário	Count	167	7	174
		% within Escalões	96,0%	4,0%	100,0%
		% within CCyberbullies	56,6%	58,3%	56,7%
		% of Total	54,4%	2,3%	56,7%
		Adjusted Residual	-,1	,1	
Total		Count	295	12	307
		% within Escalões	96,1%	3,9%	100,0%
		% within CCyberbullies	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	96,1%	3,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,014 ^a	1	,906		
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,014	1	,906		
Fisher's Exact Test				1,000	,575
Linear-by-Linear Association	,014	1	,906		
N of Valid Cases	307				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,20.

b. Computed only for a 2x2 table

Anexo 7 - Comparação dos diferentes papéis do bullying e do cyberbullying

		Correlations			
		VítimasBullying	BBullies	CCybervítimas	CCyberbullies
VítimasBullying	Pearson Correlation	1	,316**	,379**	,213**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
	N	308	307	305	303
BBullies	Pearson Correlation	,316**	1	,273**	,327**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000
	N	307	312	307	305
CCybervítimas	Pearson Correlation	,379**	,273**	1	,355**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
	N	305	307	309	306
CCyberbullies	Pearson Correlation	,213**	,327**	,355**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	
	N	303	305	306	307

Anexo 8 - A ansiedade social como consequência para as vítimas

Medida de consistência interna da variável “ansiedade social”

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	291	92,7
	Excluded ^a	23	7,3
	Total	314	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,898	18

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Preocupo-me se tiver que fazer coisas novas em frente a outros colegas.	31,35	131,366	,581	,891
Tenho medo de ser gozado.	31,27	127,618	,631	,889
Sinto-me envergonhado ao pé de colegas que não conheço.	31,34	129,494	,583	,891
Sinto que os outros colegas falam sobre mim nas minhas costas.	31,29	131,943	,488	,894
Eu só falo com colegas que conheço muito bem.	31,25	133,609	,383	,898
Preocupo-me com o que os outros colegas possam pensar sobre mim.	31,09	124,240	,693	,887
Tenho receio que os outros colegas não gostem de mim.	31,39	125,052	,744	,885
Sinto-me nervoso quando falo com colegas que não conheço muito bem.	31,52	131,299	,578	,891
Preocupo-me com o que os outros colegas dizem sobre mim.	31,31	124,994	,722	,886
Fico nervoso quando falo com colegas que não conheço.	31,53	128,795	,641	,889
Preocupo-me que os outros colegas não gostem de mim.	31,44	126,626	,693	,887
Sou calmo quando estou entre colegas.	30,38	137,270	,199	,907
Sinto que os outros colegas gozam comigo.	31,76	133,347	,530	,893
Se me envolvo numa discussão com alguém, preocupo-me que essa pessoa não goste de mim.	31,69	133,423	,498	,894
Tenho medo de convidar outros colegas para virem a minha casa, pois podem recusar.	32,07	139,361	,379	,897
Fico nervoso quando estou ao pé de colegas que conheço muito bem.	31,72	130,884	,639	,890
Fico envergonhado mesmo com colegas que conheço muito bem.	31,98	135,003	,521	,893
Para mim é difícil perguntar a outros colegas se querem almoçar comigo.	32,06	139,189	,374	,897

Ansiedade social como consequência para as vítimas, de ambos os fenómenos

Variables Entered/Removed^b

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	VítimasBullying ^a	.	Enter

a. All requested variables entered.

b. Dependent Variable: AS_rec

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,406 ^a	,165	,162	11,03506

a. Predictors: (Constant), VítimasBullying

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	6868,885	1	6868,885	56,408	,000 ^a
	Residual	34705,150	285	121,772		
	Total	41574,035	286			

a. Predictors: (Constant), VítimasBullying

b. Dependent Variable: AS_rec

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	19,023		
	VítimasBullying	11,688	1,556	,406	7,510	,000

a. Dependent Variable: AS_rec

Variables Entered/Removed^b

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	CCybervítimas ^a	.	Enter

a. All requested variables entered.

b. Dependent Variable: AS_rec

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,257 ^a	,066	,063	11,70689

a. Predictors: (Constant), CCybervítimas

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	2765,975	1	2765,975	20,182	,000 ^a
	Residual	39059,628	285	137,051		
	Total	41825,603	286			

a. Predictors: (Constant), CCybervítimas

b. Dependent Variable: AS_rec

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	20,586	2,930		7,025	,000
	CCybervítimas	11,921	2,654	,257	4,492	,000

a. Dependent Variable: AS_rec



Europass Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) **Pina Modesto Pereira Sara Alexandra**
Morada(s) Praceta Mestre Roque Gameiro, nº 2 - 2º Esquerdo, 2700-576 Amadora (Portugal)
Telefone(s) 214946119 Telemóvel | 917909913
Endereço(s) de correio electrónico saramodestopereira@hotmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data de nascimento 17 de Fevereiro 1985



Emprego pretendido / Área funcional

Experiência profissional

Datas	01 de Fevereiro 2011 - 30 de Maio 2011
Função ou cargo ocupado	Estagiária de Investigação em Psicologia Social
Principais actividades e responsabilidades	Integração e desenvolvimento de projectos de investigação, na área da Psicologia Social.
Nome e morada do empregador	Centro de Investigação e Intervenção Social, ISCTE-IUL
Datas	06 de Outubro 2006 →
Função ou cargo ocupado	Operadora de 1ª
Principais actividades e responsabilidades	Serviço de Apoio ao Cliente: atendimento ao público, responsável pelo manual de formação da secção e das FAQ's.
Nome e morada do empregador	IKEA - Alfragide
Datas	2004 - 2004
Função ou cargo ocupado	Promotora de Saúde/Voluntária
Principais actividades e responsabilidades	Participação no projecto SEYPA - intercâmbio entre 5 países realizado na Roménia (Bucareste), para jovens infectados/afectados pelo VIH/Sida.
Nome e morada do empregador	AJPAS - Associação de Jovens Promotores de uma Amadora Saudável
Datas	2003 - 2005
Função ou cargo ocupado	Promotora de Saúde/Voluntária
Principais actividades e responsabilidades	Apoio a doentes com VIH/Sida e seus familiares no Hospital Amadora-Sintra; acções de prevenção nas escolas, feiras e espaços nocturnos.
Nome e morada do empregador	AJPAS - Associação de Jovens Promotores de uma Amadora Saudável

Educação e formação

Datas 2008 - 2011
Designação da qualificação atribuída Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Principais disciplinas/competências profissionais	Estágio Curricular desenvolvido na Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém no âmbito do Projecto GerAcções – Elaboração e aplicação do programa de Desenvolvimento de Competências Sociais e Pessoais na Escola EB1 Bairro do Restelo, com classificação de 16 valores.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCTE-IUL, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa
Datas	2005 - 2008
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Psicologia
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCTE-IUL, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Datas	Novembro 2002 - Abril 2003
Designação da qualificação atribuída	Curso de Promotora de Saúde/Voluntária
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	AJPAS - Associação de Jovens Promotores de uma Amadora Saudável

Aptidões e competências pessoais

Primeira língua **Português**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação
Nível europeu (*)

Inglês

Compreensão				Conversaço				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
C1	Utilizador avançado	C1	Utilizador avançado	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente

(*) [Nível do Quadro Europeu Comum de Referência \(CECR\)](#)

Aptidões e competências sociais	Excelente capacidade de interacção em diferentes contextos, fácil integração numa equipa e receptividade a novas propostas e/ou desafios.
Aptidões e competências de organização	Grande capacidade de organização de ideias, gestão de tempo e dinâmica em equipas.
Aptidões e competências informáticas	Bom domínio do Microsoft Office bem como do Internet Explorer.
Carta de condução	B
Informação adicional	Carta de condução emitida em 08 de Abril de 2005